

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Ygor Santini Sellmer

**O processo de construção da consciência da negritude pelo
homem negro na vida urbana**

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo
2025

Ygor Santini Sellmer

**O processo de construção da consciência da negritude pelo
homem negro na vida urbana**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

São Paulo

2025

Ygor Santini Sellmer

**O processo de construção da consciência da negritude pelo
homem negro na vida urbana**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

“O que é que sou aos olhos da maioria – uma nulidade ou um homem excêntrico ou desagradável –, alguém que não tem uma situação na sociedade ou que não a terá; enfim, pouco menos que nada. Bom, suponha que seja exatamente assim, então eu gostaria de mostrar por minha obra o que existe no coração de tal excêntrico, de tal nulidade. Esta é minha ambição, que está menos fundada no rancor que no amor “apesar de tudo”, mais fundada num sentimento de serenidade que na paixão. Ainda que frequentemente eu esteja na miséria, há, contudo, em mim uma harmonia e uma música calma e pura. Na mais pobre casinha, no mais sórdido cantinho, vejo quadros e desenhos. E meu espírito vai nesta direção por um impulso irresistível.”

Van Gogh (1914/2002, p. 45)

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Sellmer, Ygor Santini

O processo de construção da consciência da negritude pelo
homem negro na vida urbana. / Ygor Santini Sellmer. -- São
Paulo: [s.n.], 2025.

90p. ; 15 cm.

Orientador: Durval Luiz de Faria.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia:
Psicologia Clínica.

1. Negritude. 2. Complexos Culturais. 3. Racismo
Estrutural. 4. Psicologia Analítica. I. Faria, Durval Luiz
de. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia
Clínica. III. Título.

CDD

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento
85929024.9.0000.5482

This study was funded in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Funding Code 85929024.9.0000.5482

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de ter chegado até este momento. Ao meu pai, por sempre me incentivar nos estudos e me ajudar a me tornar o homem que sou hoje.

À minha mãe, minha estrela, Márcia Mariza (*in memoriam*), por ser minha referência como pessoa, profissional, e minha inspiração de vida. Espero que se orgulhe do filho que ajudou a formar e que carrega seus ensinamentos nesta conquista.

À minha esposa, Lais, pelo incentivo, pela participação e pelo envolvimento, além dos momentos em que renunciamos algo em prol deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, que, além de desempenhar com excelência o papel de orientador, sempre me acolheu e apoiou durante todo esse processo. Às Profas. Dras. Ana Rios e Marisa Catta-Preta, por aceitarem o convite para integrar as minhas bancas.

À PUC e ao Programa de Mestrado em Psicologia Clínica, pela oportunidade e honra de realizar este mestrado. A todos os professores que me proporcionaram o privilégio de aprender e absorver seus conhecimentos. Aos meus amigos e companheiros de mestrado, pelas aulas, pelos momentos de angústia compartilhados e pelas risadas.

Ao meu amigo e irmão Kalmy, que foi essencial ao me ajudar em todos os momentos. Aos meus amigos e familiares que estiveram ao meu lado nessa jornada: Rafael, Breno, Gabriel, Felipe, Renato, Fernanda, Carina, Natália e Karen.

À Sônia Prada, pelo incentivo e pela oportunidade de iniciar minha carreira como professor no Centro Universitário Estácio.

Aos meus sogros, Vera e Renato, pela paciência e compreensão durante este período tão importante da minha vida.

RESUMO

SELLMER, Ygor Santini. **O processo de construção da consciência da negritude pelo homem negro na vida urbana**. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

Esta dissertação investiga o processo de construção da consciência da negritude entre homens negros de classe média na cidade de São Paulo, considerando o impacto das experiências cotidianas em um contexto marcado pelo racismo estrutural. A pesquisa parte da vivência pessoal do autor e adota uma abordagem qualitativa, com entrevistas reflexivas realizadas com sete homens negros, com idades entre 20 e 39 anos e residentes na cidade. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise temática, com base na Psicologia Junguiana, buscando compreender as dimensões conscientes e inconscientes individuais e complexos culturais. Os resultados sugerem que as vivências familiares, educacionais e sociais influenciam a construção da identidade racial, evidenciando sentimentos de exclusão, discriminação e pertencimento. Além disso, observou-se que o processo de conscientização da negritude é paulatino, à medida que ocorre o desenvolvimento e envolve a superação de complexos culturais e pessoais, destacando a relevância da autoestima e da valorização das raízes culturais como fatores fundamentais para a individuação. A pesquisa contribui para o campo da Psicologia Clínica ao evidenciar a necessidade de práticas terapêuticas que considerem as especificidades das experiências raciais.

Palavras-chave: Negritude; Complexos Culturais; Racismo Estrutural; Individuação; Psicologia Analítica.

ABSTRACT

SELLMER, Ygor Santini. **O processo de construção da consciência da negritude pelo homem negro na vida urbana**. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

This dissertation investigates the process of constructing Blackness among middle-class Black men in São Paulo, considering the impact of daily experiences within a context marked by structural racism. Grounded in the author's personal experience, the research adopts a qualitative approach, conducting reflective interviews with seven Black men aged 20 to 39 residing in the city. Data were analyzed using thematic analysis techniques based on Jungian Psychology, exploring both conscious and unconscious individual dimensions as well as cultural complexes. The findings suggest that familial, educational, and social experiences significantly influence the construction of racial identity, revealing feelings of exclusion, discrimination, and belonging. Additionally, the process of Blackness is gradual, unfolding through development and involving the overcoming of cultural and personal complexes. The study highlights the importance of self-esteem and the appreciation of cultural roots as essential factors for individuation. This research contributes to the field of Clinical Psychology by emphasizing the need for therapeutic practices that address the specificities of racial experiences.

Keywords: Blackness; cultural complexes; structural racism; individuation; Analytical Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos com descritor “homem negro”	22
Quadro 2 - Artigos com descritor “racismo”	25
Quadro 3 - Participantes da pesquisa	49
Quadro 4 - Grupos temáticos da pesquisa	53
Quadro 5 - Identidade étnica dos pais dos participantes.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo geral	14
2.2 Objetivos específicos	14
3 MÉTODO	15
3.1 Características do estudo	15
3.2 Participantes	15
3.3 Local dos encontros	16
3.4 Instrumentos	17
3.4.1 Questionário sociodemográfico	17
3.4.2 Entrevista reflexiva	17
3.5 Procedimentos para a pesquisa	18
3.6 Procedimento para análise de informações	19
3.7 Cuidados éticos	20
4 REVISÃO DE LITERATURA	21
4.1 Análise do levantamento do descritor “homem negro”	22
4.2 Análise do levantamento do descritor “racismo”	24
4.3 Análise do levantamento do descritor “homem negro classe média”	31
4.4 Análise do levantamento do descritor “consciência da negritude”	31
4.5 Comentários sobre o levantamento de literatura	33
5 REFERENCIAL TEÓRICO	34
5.1 Psicologia junguiana	34
5.1.1 Consciência da negritude	34
5.1.2 Complexos e identidade racial	35
5.1.3 Cultura, complexos e racismo	36
5.1.4 Complexos culturais brasileiros	38
5.1.5 Processo de individuação na conscientização da negritude	40
5.2 Autoestima e os sentimentos de culpa e vergonha do homem negro	41
5.3 Racismo e a construção de identidade do homem negro	43
5.4 Desigualdade e segregação entre brancos e negros na classe média	45
6 RESULTADOS	49
6.1 Participantes	49
6.2 Análise sobre os participantes	51
6.3 Análise temática	52

7 DISCUSSÃO	63
7.1 Contexto Familiar e Educação Racial	63
7.1.1 Construção da Identidade Racial na Infância	63
7.1.2 Instruções de Cuidado e Socialização Racial	65
7.2 Vivências Escolares e Infância Social	65
7.2.1 Relações Raciais e Sentimento de Pertencimento	66
7.2.2 Tratamento em Ambientes Escolares e Acadêmicos	68
7.3 Experiências de Racismo e Discriminação Cotidiana	70
7.3.1 Discriminação em Espaços Públicos e Cotidiano	70
7.3.2 Racismo Direto e Memórias de Preconceito	71
7.4 Conscientização e Vivência da Negritude	71
7.4.1 Reflexões sobre Negritude em Ambientes de Maioria Branca	72
7.4.2 Significado da Negritude e Processo de Conscientização	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A: COMUNICADO DE PESQUISA.....	83
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	84
APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	86
APÊNDICE D: PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA REFLEXIVA	88

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se fundamenta na experiência de vida do próprio pesquisador, um homem negro que, ao longo de sua trajetória, vivenciou e refletiu sobre situações de racismo que extrapolam sua individualidade, abrangendo questões que afetam o grupo racial negro de maneira ampla. De acordo com Jung (2013a), toda observação psicológica carrega inevitavelmente o caráter pessoal do pesquisador, configurando a pesquisa como um diálogo entre o autor e o grupo de indivíduos a ser estudado.

Nesse contexto, relato uma experiência pessoal: convidei um amigo, também negro, para me acompanhar a uma sessão de cinema em um shopping localizado em uma região nobre de São Paulo, frequentemente associada a uma elite socioeconômica. Ao receber o convite, meu amigo questionou se realmente seria necessário irmos até aquele local, ao que respondi, de forma imediata, que sim. No final do passeio, ele perguntou se eu havia percebido que éramos as únicas pessoas negras presentes no ambiente. Confessei que não havia notado tal fato.

Posteriormente, refleti profundamente sobre essa experiência, que me levou a uma confrontação direta com minha identidade racial. Reconheci, então, minha condição de homem negro e fui impulsionado a investigar minhas origens. Percebi que minha ancestralidade negra remonta à minha bisavó materna, embora meus pais sejam socialmente considerados brancos. Além disso, compreendi que fui criado em um ambiente familiar que raramente abordava questões relacionadas à raça.

Ao revisitar o questionamento inicial de meu amigo sobre frequentarmos uma região nobre de São Paulo, identifiquei um eco de aspectos históricos do Brasil escravocrata. Durante o período da escravidão, os negros ocupavam uma posição rigorosamente definida nas estruturas sociais e geográficas do país. Não eram reconhecidos como seres humanos plenos, dotados de vontade ou livre-arbítrio, e eram desprovidos do direito de escolher seus destinos ou determinar como utilizariam seu tempo. Pelo contrário, eram tratados como mercadorias, sujeitas à posse de seus senhores, que controlavam todos os aspectos de suas vidas.

Nesse sentido, observa-se que, mesmo após 136 anos do fim oficial da escravidão, a desigualdade que impede pessoas negras de viverem em condições equitativas às pessoas brancas, acessando os mesmos espaços e participando de atividades similares, permanece uma realidade. Tal cenário aponta para a existência de traumas que transcendem experiências individuais, afetando tanto negros quanto

brancos enquanto grupos sociais, com implicações profundas em suas vivências coletivas.

De acordo com Mota (2019), o corpo negro, mesmo após a abolição da escravidão, continua marginalizado, marcado por uma história de desigualdade socioeconômica e genocídio. Esse legado contribui para a perpetuação do racismo estrutural¹ brasileiro, uma dinâmica que assegura ao homem branco vantagens simbólicas e materiais.

Souza (2021) argumenta que uma das formas de violência contra o negro é a manutenção, no imaginário coletivo, de ideais originados no período escravista. Segundo a autora, essas ideias levam à “recusa, negação e anulação da presença do corpo negro” (Souza, 2021, p. 25). A base dessa violência racista estaria na noção de que o ideal é ser branco, o que resulta na negação da identidade negra e no desejo de sua destruição. Costa (2016) complementa essa visão, afirmando que o negro, ao ser forçado a aceitar esse olhar externo, acaba internalizando uma posição de inferioridade e tenta imitar o comportamento do homem branco, tido como superior.

Este estudo partiu da necessidade de compreender as experiências de conscientização racial² vividas por homens negros de classe média³ em São Paulo, um grupo frequentemente invisibilizado nas discussões sobre raça e classe no Brasil. Apesar de mais de um século desde a abolição da escravidão, a desigualdade racial permanece profundamente enraizada em nossas estruturas sociais, afetando as vivências cotidianas de negros, mesmo em contextos socioeconômicos mais

¹ O racismo estrutural se refere a uma forma de discriminação racial que não depende de intenções individuais, mas está profundamente enraizada nas instituições e sistemas, perpetuando desigualdades de forma sistemática e muitas vezes invisível. Manifesta-se em desigualdades no acesso à educação, à saúde, ao emprego, à justiça, à moradia e a outros recursos essenciais.

² Conscientização racial se refere ao processo pelo qual indivíduos reconhecem e compreendem a influência do racismo em suas vidas e na sociedade. Esse processo envolve uma reflexão profunda sobre temas como identidade, privilégios, opressão e justiça social, permitindo a construção de uma visão crítica acerca das dinâmicas raciais que estruturam a realidade social.

A conscientização racial é, essencialmente, o ato de se tornar consciente de algo, sendo “racial” o termo que delimita o escopo dessa tomada de consciência às questões de raça e racismo. Esse processo não apenas revela as estruturas de desigualdade racial, mas também promove um entendimento mais amplo sobre o impacto do racismo nas experiências individuais e coletivas, bem como sobre os caminhos para a transformação social.

³ O termo “classe média” se refere a um grupo intermediário na estrutura social, situado entre as classes mais baixas e as classes altas. No século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a “classe média” passou a ser associada a um padrão de vida específico, incluindo educação formal, empregos estáveis, acesso ao consumo e à moradia digna. Em termos contemporâneos, as classes médias são definidas tanto por indicadores econômicos (renda) quanto por aspectos culturais e aspiracionais, como acesso a bens de consumo e busca por mobilidade social.

privilegiados. Para muitos homens negros, a conscientização de sua negritude⁴ ocorre em um cenário permeado por pressões sociais e racismo estrutural, que impactam diretamente suas relações, escolhas e saúde emocional.

A pesquisa buscou averiguar as nuances das experiências de homens negros e a compreensão sobre o que significa ser negro em um espaço marcado por contrastes raciais e econômicos.

Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas reflexivas com homens negros de classe média residentes na cidade de São Paulo. As falas foram analisadas pela técnica de análise temática, que identificou padrões e significados nas experiências relatadas.

Este trabalho foi estruturado para atender aos seus objetivos e propostas de maneira coerente e ordenada. O **Capítulo 2** apresenta os objetivos gerais e específicos da pesquisa. O **Capítulo 3** aborda o método, detalhando as características do estudo, o perfil dos participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados.

O **Capítulo 4** apresenta a revisão de literatura, discutindo os principais temas relacionados à pesquisa. O **Capítulo 5** é dedicado ao referencial teórico, que está organizado em quatro partes distintas. A primeira parte, subdividida em subtópicos, aborda conceitos fundamentais da psicologia junguiana, incluindo a dinâmica entre consciente e inconsciente, o inconsciente cultural, os complexos culturais e o processo de individuação. A segunda parte explora a “Autoestima e os sentimentos de culpa e vergonha do homem negro”, analisando os impactos emocionais do racismo na psique individual e coletiva. A terceira parte trata do tema “Racismo e a construção de identidade do homem negro”, examinando os desafios identitários e as tensões geradas pelas experiências de discriminação. Por fim, a quarta parte aborda a “Desigualdade e segregação entre brancos e negros na classe média”, destacando as dinâmicas sociais que perpetuam exclusões e barreiras nesse contexto. O **Capítulo 6** apresenta os resultados obtidos na pesquisa. O **Capítulo 7** é dedicado às discussões finais, em que os achados da pesquisa são analisados à luz da psicologia junguiana. Por fim, o **Capítulo 8** encerra o trabalho com as considerações finais, sintetizando as principais conclusões do estudo.

⁴ O termo “negritude” se refere ao conceito identitário que abrange aspectos culturais, sociais, históricos e políticos relacionados à experiência negra, a qual representa tanto uma celebração da cultura africana quanto uma luta contra as estruturas de opressão racial. Nos dicionários, “negritude” é definida como a condição de ser negro e, em um sentido mais amplo, como a valorização e a afirmação da identidade e da cultura negra.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender o processo de conscientização da própria negritude em homens negros de classe média na cidade de São Paulo.

2.2 Objetivos específicos

Compreender como os participantes experienciam ser negro de classe média na cidade de São Paulo.

Averiguar como homens negros de classe média na cidade de São Paulo lidam com situações sociais.

Identificar possíveis impactos emocionais e sociais nos participantes decorrentes das experiências de homens negros de classe média na cidade de São Paulo.

3 MÉTODO

3.1 Características do estudo

Este trabalho adotou o método qualitativo para sua realização. Segundo Creswell (2010, p. 206), o método qualitativo se fundamenta “[...] em dados de texto e imagem, e tem passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação”. Esse enfoque permite uma compreensão aprofundada dos fenômenos estudados, indo além do que seria possível com métodos puramente quantitativos.

Essa perspectiva sobre a riqueza dos métodos qualitativos converge para a visão de Jung (2013a, §122), que destacou a insuficiência dos métodos experimentais e quantitativos para abarcar a complexidade dos fenômenos psíquicos. Jung (2013a) ilustra esse ponto ao afirmar: “[...] certos fenômenos psicológicos não podem ser adequadamente analisados através de experimentos, pois envolvem elementos subjetivos e simbólicos que escapam à quantificação rigorosa (§122).”

Segundo Penna (2009), a pesquisa em psicologia analítica se insere no contexto da abordagem qualitativa, que se caracteriza por interpretar e compreender os fenômenos em busca de significados, articulando perspectivas ontológicas e epistemológicas do paradigma junguiano.

O método junguiano, conforme Faria (2019), explora simultaneamente as dimensões conscientes e inconscientes de pesquisador e pesquisado, analisando aspectos simbólicos que aproximam a consciência do inconsciente.

A escolha pelo método qualitativo, portanto, alinha-se à necessidade de explorar a subjetividade e as dinâmicas internas que permeiam o objeto de estudo, promovendo uma investigação rica e significativa.

A pesquisa qualitativa na psicologia analítica se destaca por abordar tanto as dimensões conscientes quanto as inconscientes, buscando interpretar fenômenos psíquicos de maneira ampla e simbólica, indo além das limitações dos métodos exclusivamente quantitativos.

3.2 Participantes

A pesquisa contou com sete participantes, número definido com base na extensão e complexidade do objeto de estudo. Como Minayo (2017, p. 6) enfatizou, “a extensão do objeto e a complexidade do estudo é que devem orientar o tamanho

da amostra”. Além disso, ao considerar pesquisas fenomenológicas, Creswell (2010) sugere que o número de participantes ideal varia entre um mínimo de 5 e um máximo de 25. Assim, a escolha do número de participantes buscou equilibrar a profundidade necessária para uma análise qualitativa com a viabilidade prática da pesquisa.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: homens cisgênero que se autodeclararam negros⁵ (pretos ou pardos), pertencentes à classe média e residentes na cidade de São Paulo. A faixa etária selecionada foi de 20 a 39 anos, delimitada com base na categorização do jovem adulto, compreendida entre esses limites de idade, conforme definido por Papália et al. (2006, p. 55).

Como critérios de exclusão, foram considerados aqueles que não se autodeclararam pretos ou pardos, os que não residem na cidade de São Paulo e aqueles que não se identificaram como pertencentes à classe média.

3.3 Local dos encontros

As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma Google Meet. Além de servir como meio de comunicação, essa plataforma foi utilizada para a gravação das entrevistas. O recurso de gravação permitiu obter a transcrição integral das entrevistas posteriormente. Apenas o pesquisador e o orientador tiveram acesso ao material de áudio, sendo previamente solicitada a permissão dos participantes para a gravação.

Foi garantido que todos os participantes estivessem em um ambiente confortável e sigiloso durante as entrevistas. Essa medida teve como objetivo assegurar que as informações discutidas permanecessem confidenciais e não fossem expostas ou comprometidas.

⁵ Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o padrão de autodeclaração estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o IBGE, no Brasil, é considerada negra a pessoa que se autodeclara preta ou parda, desde que apresente características físicas que a identifiquem como pertencente a uma dessas categorias. Além disso, o IBGE define a categoria negro como uma identificação sociopolítica, abrangendo tanto as pessoas pretas quanto as pardas. Ainda que pessoas pardas possuam tons de pele mais claros, elas também são consideradas negras dentro dessa definição, enfatizando o caráter inclusivo e político dessa classificação no contexto das desigualdades raciais e das políticas de ações afirmativas no Brasil.

3.4 Instrumentos

3.4.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (Apêndice C) foi desenvolvido com o objetivo de coletar informações básicas essenciais para a pesquisa. Por meio desse instrumento, foi possível identificar as características sociodemográficas dos participantes, contribuindo para traçar seus perfis. Os dados considerados incluíram idade, estado civil, cor/raça/etnia, identidade de gênero, escolaridade, renda e profissão dos participantes.

A aplicação desse questionário foi realizada por meio da plataforma de gerenciamento de pesquisas Google Forms. O formulário ficou disponível online desde a sua criação até a conclusão da transcrição e coleta dos dados solicitados. Após a coleta de todos os dados e a realização de todas as entrevistas, o questionário foi desativado.

Para a classificação econômica dos participantes desta pesquisa, foram utilizados os critérios estabelecidos pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Este sistema de classificação se baseia em uma pontuação obtida a partir de questões que consideram os atributos presentes no domicílio, como bens de consumo, escolaridade do chefe da família e acesso a serviços, permitindo determinar a categoria socioeconômica do respondente.

No contexto da pesquisa, o critério de inclusão referente à renda média domiciliar abrangeu valores entre R\$ 3.194,33 e R\$ 22.749,00, de acordo com os parâmetros da ABEP. Além disso, para o questionário sociodemográfico, a renda foi considerada com base no valor do salário mínimo nacional vigente em 2024, estabelecido em R\$ 1.412,00, servindo como unidade de referência para a classificação econômica.

3.4.2 Entrevista reflexiva

A entrevista reflexiva foi utilizada como técnica em pesquisas qualitativas, devido à sua capacidade de ampliar os significados subjetivos (Szymanski, 2019). Os conteúdos investigados incluíram fatos, opiniões e os motivos, conscientes ou inconscientes, que sustentaram essas opiniões e sentimentos.

O questionário utilizado nesta pesquisa (Apêndice D) foi estruturado para abranger questões que permitissem investigar aspectos amplos e detalhados das

experiências dos participantes, conforme as diretrizes propostas por Szymanski (2019). Durante as entrevistas, questões de esclarecimento foram empregadas em situações nas quais o discurso do participante apresentava ambiguidades ou quando as conexões entre as ideias não estavam suficientemente claras para o entrevistador. Esse tipo de abordagem teve como objetivo garantir uma compreensão mais completa das respostas, assegurando a precisão na coleta de informações.

Adicionalmente, questões focalizadoras foram utilizadas para redirecionar a conversa ao foco principal da pesquisa, especialmente em momentos de digressão (Szymanski, 2019). Esse recurso foi essencial para manter a entrevista alinhada aos objetivos centrais da investigação, sem interferir no fluxo natural do diálogo.

Nos momentos em que o discurso dos participantes se revelou superficial ou pouco aprofundado, questões de aprofundamento foram aplicadas. Essas perguntas buscaram encorajar os entrevistados a expandirem suas reflexões e compartilharem detalhes mais ricos sobre suas vivências, aumentando a densidade e a profundidade do material coletado.

Por fim, a devolução foi implementada como uma estratégia para confirmar a interpretação do entrevistador sobre os conteúdos discutidos. Essa prática não apenas validou as percepções do entrevistador, mas também promoveu uma interação dialógica que visou equilibrar as relações de poder inerentes ao processo de pesquisa. A devolução destacou o caráter colaborativo da entrevista, reconhecendo a produção conjunta de conhecimento entre pesquisador e participante, em conformidade com os princípios éticos e metodológicos da pesquisa qualitativa (Szymanski, 2019).

Ademais, essa relação entre pesquisador e participante permitiu a observação de aspectos como a compreensão de si e do outro, bem como as expectativas, sentimentos e preconceitos envolvidos. Para Szymanski (2019), a reflexividade é uma ferramenta que pode auxiliar na construção de relação horizontal que facilita o trabalho com questões difíceis. Por meio do diálogo entre os envolvidos, o participante tem a possibilidade de narrar sua história e articulá-la de outra maneira (Szymanski, 2019).

3.5 Procedimentos para a pesquisa

O recrutamento dos participantes foi realizado por meio de divulgações no perfil profissional do pesquisador nas redes sociais Facebook e Instagram, bem como em

grupos dessas plataformas destinados à conscientização e ao debate sobre a negritude no cenário brasileiro contemporâneo.

O primeiro contato com os participantes foi feito por meio de uma mensagem enviada através dos recursos Direct do Instagram e Messenger do Facebook para todos os homens negros que demonstraram interesse em participar da pesquisa. A mensagem incluiu a apresentação da pesquisa juntamente do Comunicado de Pesquisa (Apêndice A). Após os esclarecimentos iniciais, os homens que mantiveram interesse receberam um questionário sociodemográfico (Apêndice C). Aqueles que se enquadraram na faixa etária, na autodeclaração quanto à cor/raça/etnia, na identidade de gênero e na categoria de classe média foram convidados a participar da pesquisa, sendo enviados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e as instruções para sua assinatura.

Após o consentimento e o preenchimento dos documentos e do questionário, foi agendado, por meio de mensagens via WhatsApp, um encontro remoto pela plataforma Google Meet para a realização da entrevista, conforme a disponibilidade de horário tanto do participante quanto do pesquisador. Cada entrevista teve duração aproximada de uma hora.

3.6 Procedimento para análise de informações

A análise temática foi utilizada como método para identificar, organizar e relatar padrões nos dados, conforme descrito por Braun e Clarke (2006). Essa abordagem permitiu a categorização de elementos comuns em grupos temáticos, oferecendo uma visão abrangente e auxiliando na construção de significados a partir dos dados coletados.

O procedimento seguiu etapas específicas: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, identificação e revisão de temas, nomeação dos temas e produção do relatório. Inicialmente, após a transcrição das entrevistas, foram identificados argumentos comuns com base nas perguntas da entrevista. Em seguida, os dados foram agrupados em temas correspondentes às narrativas emergentes. A análise final foi conduzida à luz da psicologia analítica, explorando dimensões simbólicas e correlacionando os achados com referenciais teóricos.

3.7 Cuidados éticos

Esta pesquisa seguiu os requerimentos éticos estabelecidos pela Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, pela Resolução CNS/MS 510/2016 e pelo Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sendo aprovada sob o parecer de número 7.363.202. Todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), que detalhou o objetivo da pesquisa, o uso de gravador durante as entrevistas, a liberdade para participação ou interrupção sem prejuízos, e os critérios de sigilo e anonimato.

Dada a sensibilidade do tema abordado e a possibilidade de mobilização de fortes reações subjetivas durante as entrevistas, o pesquisador garantiu suporte e acolhimento necessários para atender a eventuais demandas emocionais dos participantes.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Para o levantamento bibliográfico, foi utilizado o método de revisão narrativa da literatura, que “reúne e sintetiza resultados de pesquisas sobre um tema ou questão delimitada, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado” (Mendes; Silveira; Galvão, 2008, p. 759). Esse método permite sintetizar os principais estudos e artigos de um determinado tema, oferecendo uma interpretação abrangente sobre o assunto.

A aplicação do método seguiu etapas claras. Primeiro, foi feita uma pesquisa ampla sobre o tema, com o objetivo de identificar materiais relevantes. Em seguida, definiram-se os critérios de inclusão e exclusão, que orientaram a seleção final dos artigos.

Os critérios de inclusão garantiram que os materiais selecionados fossem relevantes e adequados ao foco do estudo. Foram considerados os descritores: “homem negro”, “racismo”, “homem negro classe média”, “consciência da negritude” no título, no resumo ou nas palavras-chave. Além disso, foram selecionados os artigos publicados entre 2014 e 2024, disponíveis nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS Brasil), Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) do Portal de Periódicos da CAPES, Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PepsiCo) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Por outro lado, foram excluídos materiais que não apresentassem os descritores definidos no título, no resumo ou nas palavras-chave, além de artigos publicados fora do período delimitado ou que não tivessem conexão direta com a vivência do homem negro. Também foram descartados artigos sem revisão por pares, duplicados em diferentes bases de dados ou redigidos em idiomas distintos do português. A preferência por materiais em língua portuguesa buscou aprofundar a compreensão do fenômeno no contexto brasileiro.

Na etapa inicial de análise, os títulos e resumos dos artigos foram avaliados com base nos critérios estabelecidos. A seleção priorizou a relevância temática, o alinhamento com os objetivos da pesquisa e o foco nas experiências psicológicas do homem negro.

Esses critérios asseguraram que a revisão de literatura fosse direcionada e permitisse uma análise consistente e fundamentada sobre o tema da pesquisa.

4.1 Análise do levantamento do descritor “homem negro”

Esta etapa da revisão de literatura tem como objetivo apresentar os resultados das buscas realizadas em diversas bases de dados acadêmicas para identificar estudos que abordam as vivências e a construção da identidade do homem negro. As pesquisas foram conduzidas utilizando o descritor “homem negro” nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) e PePSIC.

Após uma análise criteriosa dos títulos e resumos encontrados, foram selecionados artigos que discutem aspectos centrais, como a autoidentificação, a representação social e os impactos do racismo estrutural na subjetividade e no posicionamento social desse grupo. Ao final das buscas, os artigos mais pertinentes ao tema foram organizados e apresentados em um quadro para análise detalhada.

A busca na BVS resultou em 9 artigos, enquanto no SciELO foram encontrados 4. Na CAFe, localizaram-se 46 artigos, e na PePSIC, 3 artigos. Após a leitura criteriosa, 3 estudos foram selecionados por sua relevância e contribuição direta à investigação sobre a conscientização da negritude e a posição social do homem negro na sociedade contemporânea. A seguir, apresenta-se o quadro com os artigos selecionados para análise detalhada.

Quadro 1 - Artigos com descritor “homem negro”			
Título	Autores	Revista	Ano
Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate.	CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes.	Revista Estudos Feministas	2017
Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora.	RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes.	Revista Transversos	2017
Racial relations in Brazil and the construction of the identity of the black person.	PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin.	Pesquisas e Práticas Psicossociais	2014

Fonte: O autor, 2025.

No artigo “Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate”, Conrado e Ribeiro (2017) investigam como determinados estereótipos influenciam a construção de significados que dificultam a identificação de aspectos

positivos das masculinidades negras enquanto práticas sociais. O estudo busca evidenciar diversas reflexões e narrativas sobre as masculinidades negras, considerando a interseccionalidade de raça, gênero, classe e sexualidade no contexto brasileiro. Segundo os autores, não é possível falar de uma única forma de masculinidade. Compreendida como o conjunto de práticas e discursos que orientam os comportamentos dos homens, a masculinidade pode se manifestar de, pelo menos, duas formas principais: a masculinidade hegemônica, que corresponde ao homem branco, heterossexual, rico e ocidental; e as masculinidades marginalizadas ou subordinadas, englobando homens negros, homossexuais e de classes sociais menos favorecidas. Nesse cenário, o homem negro experimenta uma tensão constante entre a percepção de si mesmo como um ser humano com capacidade de pensar, sentir e refletir sobre sua existência, e a dúvida sobre sua aptidão para incorporar plenamente as características associadas ao ideal de masculinidade. Diante dessa condição, torna-se essencial que o homem negro integre essas experiências, reconhecendo que, embora sua história esteja marcada por processos de desumanização, silenciamento e invisibilidade, há possibilidade de reconfiguração. Ao fazer novas escolhas e exercer sua agência, ele pode reafirmar a humanidade intrínseca a todos os indivíduos.

Ribeiro e Faustino (2017), no artigo “Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora”, ao realizarem uma revisão de literatura sobre a masculinidade negra, destacam que o homem negro continua sendo percebido de maneira similar àquela do período colonial. Segundo os autores, o homem negro é frequentemente enxergado sob o olhar do homem branco como um problema. Essa perspectiva pode levar o próprio homem negro a internalizar essa visão de subjugação, passando a se enxergar também como um problema. Ribeiro e Faustino (2017) explicam que essa dinâmica gera o que denominam de “consciência dupla” (*double consciousness*), um conceito no qual o indivíduo negro desenvolve simultaneamente uma visão positiva de si e uma percepção distorcida, imposta por aqueles que o depreciam (p. 164-165). Esse estado psicológico reflete a tensão constante entre o desejo de afirmar sua humanidade e a internalização dos estereótipos negativos projetados pela sociedade. Nesse contexto, é possível compreender que o homem negro busca ser visto e reconhecido como um indivíduo pleno e digno entre os outros homens. No entanto, a sociedade tende a reduzi-lo a um objeto desumanizado. Como consequência, no esforço de “ser alguém”, ele pode

adotar um dos seguintes padrões comportamentais: buscar se assemelhar ao homem branco ou aceitar que, mesmo ocupando posições de destaque social, ainda será percebido como inferior. Essa percepção pejorativa e de desconfiança é um resquício de séculos de escravidão e marginalização.

No artigo “Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra, de Costa”, de Pinto e Ferreira (2014), o objetivo é refletir sobre o processo de construção dessa identidade em meio às complexas relações raciais no Brasil. Com a abolição da escravidão, os indivíduos anteriormente escravizados, que eram subjugados e negados enquanto seres humanos, passaram a ser chamados de negros. Contudo, essa mudança nominal não foi acompanhada por uma transformação na forma como a sociedade brasileira reconhecia essas pessoas. Para o Brasil, que buscava ser percebido internacionalmente como uma nação em modernização, era essencial criar uma identidade nacional. Nesse esforço, sob a hegemonia do homem branco, consolidou-se a crença de que a miscigenação entre brancos e negros resultaria, em última instância, em uma população predominantemente branca. Tal ideal reforçava a perpetuação de uma sociedade branca europeia, associada à evolução e ao progresso, enquanto a população negra continuava sendo estigmatizada como um símbolo de atraso e subdesenvolvimento (Pinto; Ferreira, 2014). Ainda segundo as autoras, o Brasil contemporâneo apresenta manifestações de um racismo cordial, caracterizado por práticas que, embora menos explícitas do que políticas de segregação institucional, continuam a diferenciar indivíduos pela cor da pele. Esse racismo se revela em estratégias sutis, como microagressões, evitamento social, estereótipos, tokenismo⁶ ou até mesmo o apagamento histórico. Tais práticas mantêm a estrutura racial hierárquica de forma velada, mas profundamente enraizada.

4.2 Análise do levantamento do descritor “racismo”

Esta seção busca apresentar a análise dos resultados obtidos a partir da pesquisa pelo descritor “racismo” nas principais bases de dados acadêmicas consultadas, incluindo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO Brasil e PePSIC. A busca na BVS resultou em 302 artigos, enquanto na SciELO Brasil foram

⁶ O termo “tokenismo” é definido como uma prática superficial de inclusão, com o objetivo de evitar críticas, sem compromisso genuíno com a igualdade, o que reforça estereótipos e evita mudanças estruturais reais.

encontrados 550 artigos. Na base PePSIC, a pesquisa identificou 119 artigos. Após a coleta dos artigos, foram realizadas as etapas de análise e verificação dos materiais conforme os critérios estabelecidos, sendo selecionados 14 estudos.

A seguir, apresenta-se uma tabela com os artigos selecionados para análise detalhada, destacando as contribuições de cada estudo para a compreensão do tema.

Quadro 2 - Artigos com descritor “racismo”

Título	Autores	Revista	Ano
Tradução das teorias raciais no contexto brasileiro.	FERRAZ, Fabiane Barbosa; SIMIONI, Rafael Lazzarotto.	Revista Katálysis	2022
Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro.	LIMA, Nathalia Diorgenes Ferreira.	Revista Katálysis	2022
Negritude e relações raciais: racismo e antirracismos no espaço atlântico.	AUDEBERT, Cédric; JARDIM, Denise F.; JOSEPH, Handerson; PINHO, Osmundo.	Horizontes Antropológicos	2022
Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19.	SANTOS, Fernanda Barros dos; SILVA, Sergio Luiz Baptista da.	Revista Direito e Práxis	2022
Racismo e ascensão social do negro na democracia brasileira.	DIAS, Luciano; CANAVÊZ, Fernanda.	Revista Psicologia em Pesquisa	2022
Tramas de racismo y violencia en la infancia brasileña: la obra de arte “Amnesia”.	SOUSA, Letícia Teles de; SOUZA, Mériti de.	Tempo psicanalítico	2022
“Eu quero uma psicóloga preta”: prática clínica, racialização e identificações no contemporâneo.	AMARO, Tainá Valente; MATTOS, Amana Rocha.	Tempo psicanalitico	2022
O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo.	ARAUJO, Danielle Cabral; MOURA, Vanessa Alice de; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral.	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais	2022
O futuro é meu enquanto eu viver: desafios da psicologia em contextos educacionais.	TEIXEIRA, Adrielle de Matos Borges; JACINTO, Pablo Mateus dos Santos; DAZZANI, Maria Virgínia Machado (Orgs.).	EDUFBA	2022
Opressão racial internalizada: um estudo com negros brasileiros.	PIMENTEL, Aline Gomes; HAUCK FILHO, Nelson.	Estudos Interdisciplinares em Psicologia	2021

Ideal de branquitude: uma leitura psicanalítica sobre o racismo.	TEIXEIRA, Erick Giovanni Sobral; MEDEIROS, Clarice.	Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro	2021
Uma pandemia viral em contexto de racismo estrutural: desvelando a generificação do genocídio negro.	GONZAGA, Paula Rita Bacellar; CUNHA, Vivane Martins.	Psicologia: Ciência e Profissão	2020
O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial.	TANCETTI, Barbara; ESTEVES, Jéssica Harumi.	Junguiana	2020
Entre o particular e o geral: a constituição de uma “loucura negra” no Hospício de Juquery em São Paulo, Brasil-1898-1920.	MACHIN, Rosana; MOTA, André.	Interface- Comunicação, Saúde, Educação	2019

Fonte: O autor, 2025.

Ferraz e Simioni (2022), no artigo “Tradução das teorias raciais no contexto brasileiro”, realizaram uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar a formação do racismo no Brasil, as bases e os princípios científicos que embasaram a justificativa para diferenças de raça e etnia, além da percepção do Brasil nesse contexto histórico. Os autores ressaltam que, durante o processo de miscigenação no Brasil, consolidou-se a ideia de um povo “brasileiro”, cuja identidade nacional foi moldada sob a perspectiva do embranquecimento, interpretado como uma estratégia para posicionar o país como uma nação em desenvolvimento.

Para Lima (2022), no artigo “Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro”, o racismo, além de impactar os homens negros, afeta significativamente as mulheres negras, que continuam sendo percebidas como inferiores na sociedade. Segundo a autora, pessoas negras, independentemente do gênero, vivenciam situações de vulnerabilidade que guardam profundas semelhanças com as experiências enfrentadas no período da escravidão.

Audebert, Jardim, Joseph e Pinho (2022), no artigo “Negritude e relações raciais: racismo e antirracismos no espaço atlântico”, abordam o lugar da negritude e a questão negra no contexto das relações raciais no Brasil e nas Américas. Para isso, o artigo investiga a origem histórica e semântica do termo “negro” e analisa como ele é compreendido nos diferentes países do continente americano. Em alguns contextos, o termo está associado à ancestralidade e ao significado de “homem”. Em outros, remete ao período escravista e às relações de poder estabelecidas nesse contexto.

No Brasil, a palavra “negro” também carrega um simbolismo de luta por direitos e igualdade entre grupos étnicos.

Santos e Silva (2022), em seu artigo “Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19”, analisam dados estatísticos que evidenciam as desigualdades raciais no Brasil durante a pandemia de Covid-19. Os desdobramentos da crise sanitária aprofundaram as assimetrias sociais existentes entre negros e não negros. Segundo os resultados apresentados, a população negra, em condições de maior vulnerabilidade social, foi desproporcionalmente mais afetada pela pandemia em comparação à população branca. Esses dados reafirmam a persistência da desigualdade racial e socioeconômica entre negros (pretos e pardos) e brancos no Brasil.

Dias e Canavêz (2022), no artigo “Racismo e ascensão social do negro na democracia brasileira”, argumentam que o homem negro que alcança ascensão social frequentemente não se reconhece como negro, adotando a persona do homem branco. Segundo os autores, essa negação da própria etnia evidencia o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, que rejeita a presença de negros em posições tradicionalmente ocupadas por homens brancos. Os autores destacam que o embranquecimento está intrinsecamente ligado a uma lógica de exploração econômica conduzida pelas elites tradicionais, perpetuando desigualdades históricas. Nesse contexto, a democracia brasileira aparece vinculada à crença de que existem espaços sociais e subjetivos predeterminados para pessoas negras, com limites implícitos que não devem ser ultrapassados. Essa estrutura reforça uma lógica de poder que remonta à escravidão. Assim, negros que conseguem ascender socialmente frequentemente enfrentam a necessidade de adotar características associadas à branquitude⁷ para serem aceitos em seus novos contextos.

Sousa e Souza (2022), no artigo “Tramas de racismo y violencia en la infancia brasileña: la obra de arte 'Amnesia'”, exploram a relação entre o racismo e a infância no processo de subjetivação da criança negra brasileira. Com base na epistemologia da Esquizoanálise, as autoras analisam a obra “Amnésia”, de Flávio Cerqueira, para

⁷ O termo “branquitude” se refere à construção social que normaliza a brancura como padrão universal, invisibilizando seus próprios privilégios e mantendo desigualdades raciais. Em vez de uma identidade neutra, ela é entendida como um *locus* de poder e como uma categoria que deve ser analisada criticamente.

discutir como os aspectos socioculturais influenciam a construção da subjetividade na infância. Embora o Brasil tenha uma história marcada pela escravidão, as autoras apontam que, nas representações artísticas, há um apagamento das contribuições e existências dos povos negros. A obra “Amnésia” apresenta uma estrutura de bronze retratando uma criança jogando tinta branca em seu corpo, simbolizando como o processo de embranquecimento pode se manifestar já na infância, período crucial para a formação da personalidade. Essa análise evidencia como os aspectos socioculturais permeiam e moldam a subjetivação humana desde cedo, refletindo as dinâmicas de exclusão e invisibilidade racial.

Amaro e Mattos (2022), no artigo “Eu quero uma psicóloga preta – prática clínica, racialização⁸ e identificações no contemporâneo”, discutem a importância da presença de psicólogos(as) pretos(as) nos consultórios. As autoras analisam a busca de pacientes pretas por psicólogas pretas, investigando o fenômeno por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis profissionais. O material coletado foi analisado com base nos estudos sobre relações raciais e no referencial teórico do feminismo interseccional. Os resultados apontaram que as pacientes pretas procuravam psicólogas pretas para obter uma escuta mais efetiva e acolhedora, especialmente porque não sentiam que profissionais brancos conseguiram compreender plenamente o racismo e seus desdobramentos. As autoras destacam, ainda, a escassez de pesquisas voltadas para profissionais pretos na psicologia, evidenciando como a comunidade científica muitas vezes negligencia intelectuais e profissionais pretos, mantendo-os em uma posição de menor visibilidade em relação aos brancos. Ademais, as autoras observam que profissionais brancos enfrentam uma carência de materiais voltados ao aprimoramento técnico no que diz respeito às questões raciais. Essa lacuna contribui para a percepção de que profissionais brancos não possuem os recursos necessários para acolher e tratar adequadamente dores psicológicas originadas pelo racismo.

Araujo, Moura e Dantas (2022) argumentam que o sofrimento decorrente do racismo pode ser vivenciado desde a primeira infância, especialmente em seus impactos sociais. Nesse contexto, crianças negras podem, frequentemente, resistir

⁸ O termo “racialização” descreve o processo pelo qual um indivíduo ou grupo passa a reconhecer, assumir ou ressignificar sua identidade racial, muitas vezes em resposta a dinâmicas de opressão ou exclusão social. Dessa forma, “racializar-se” pode ser visto tanto como uma imposição externa quanto como uma escolha consciente de reafirmação identitária.

em se identificar com sua própria etnia, devido à valorização desigual de atributos em comparação às crianças brancas. O estudo destaca a importância do fortalecimento da identidade racial desde cedo, por meio de estratégias como a contação de histórias que promovam a identificação positiva com a própria etnia.

Por sua vez, Teixeira, Jacinto e Dazzani (2022) evidenciam que as questões raciais também estão presentes no ambiente do ensino superior. O ponto central destacado é o impacto das diferentes etnias e tons de pele na construção da identidade. Segundo as autoras, o reconhecimento da própria negritude pode ajudar alunos negros a desconstruir a lógica racista que questiona sua presença e capacidade acadêmica. Um estudante entrevistado relatou que, antes da faculdade, nunca havia se percebido como negro devido ao seu tom de pele e que costumava raspar ou alisar o cabelo. Entretanto, ao longo de sua vivência universitária, passou a valorizar seu cabelo crespo. Essa transformação foi influenciada pelo contato com pesquisadores que ostentavam orgulhosamente cabelos no estilo *black power*, o que contribuiu para o seu processo de autoidentificação.

Pimentel e Hauck Filho (2021), em seu estudo “Opressão racial internalizada: um estudo com negros brasileiros”, tiveram como objetivo traduzir para o português brasileiro a *Internalized Racial Oppression Scale for Black Individuals (IROS)*, um instrumento que avalia a opressão racial internalizada. Esse conceito se refere ao processo pelo qual pessoas negras internalizam estereótipos raciais negativos em relação à sua própria raça, muitas vezes de forma inconsciente, considerando estereótipos associados à branquitude como mais adequados. As autoras destacam que as consequências desse fenômeno incluem graves impactos psicológicos, pois a opressão racial internalizada não apenas reforça dinâmicas de dominação externa, mas também perpetua a dominação de forma interna. Trata-se, portanto, de um mecanismo que aprofunda as desigualdades raciais e suas implicações subjetivas e sociais.

Teixeira e Medeiros (2021), no artigo “Ideal de branquitude: uma leitura psicanalítica sobre o racismo”, analisam os privilégios inerentes à branquitude e como estes contrastam com a realidade vivenciada por indivíduos negros. Os autores realizam uma releitura sócio-histórica, destacando como o processo de escravidão contribuiu para a desumanização dos negros e como, mesmo após a abolição, essa percepção de inferioridade permaneceu. Além disso, apontam que o processo de embranquecimento foi amplificado pela chegada de imigrantes europeus,

acompanhado por esforços para manter os negros excluídos do mercado de trabalho assalariado. A branquitude, entendida como uma construção social que posiciona pessoas brancas como superiores em relação às negras, baseia-se em privilégios e vantagens estruturais conferidas historicamente aos brancos. O ideal de branquitude tem uma origem histórica ligada ao colonialismo e à escravidão, mas continua a influenciar a vida social e a autopercepção da população negra na atualidade. Negros e negras frequentemente são vistos e se veem sob o prisma desse ideal. Um exemplo claro dessa dinâmica está nos padrões de beleza, que frequentemente levam pessoas negras a tentar mascarar seus traços físicos — como cabelo, tom de pele e estilo de vestimenta — para se aproximar de padrões estéticos associados à branquitude.

No artigo “Uma pandemia viral em contexto de racismo estrutural: desvelando a generificação⁹ do genocídio negro”, Gonzaga e Cunha (2020) analisam como o racismo atua simultaneamente como modulador e produto de dinâmicas sociais no contexto da pandemia de Covid-19. As autoras enfatizam um histórico contínuo de violências raciais que evocam e reiteram as desigualdades herdadas do período colonial. Esse processo resulta na perpetuação de um modelo colonial atualizado, no qual indivíduos negros, especialmente as mulheres, continuam enfrentando restrições significativas em comparação às oportunidades disponíveis para pessoas brancas. Para Gonzaga e Cunha (2020), é fundamental reconhecer as narrativas históricas do racismo estrutural e, a partir de sentimentos legítimos de raiva e indignação, buscar novas perspectivas e possibilidades de transformação social. O artigo ganha relevância por evidenciar como o racismo e a desigualdade racial impactam tanto homens quanto mulheres, apresentando uma análise atualizada desse fenômeno no contexto da pandemia.

Na psicologia clínica, é possível abordar questões que envolvem o aspecto racial, como evidenciado no artigo de Tancetti e Esteves (2020), intitulado “O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial”. Com uma abordagem fundamentada na psicologia junguiana, as autoras têm como objetivo promover um diálogo sobre as narrativas relacionadas ao fenômeno do racismo na sociedade brasileira e sua relevância para a prática clínica. O artigo explora aspectos gerais do racismo e destaca a questão específica das mulheres negras, apontando

⁹ “Generificação” se refere ao processo de atribuir ou classificar algo com base em um gênero, podendo ser usado em contextos sociais (atribuição de papéis de gênero), culturais (classificação de obras em gêneros) ou discursivos.

como o pensamento decolonial pode, em certos contextos, excluir pautas e reivindicações relacionadas às experiências de mulheres negras e racializadas. As autoras reforçam a importância de uma abordagem que entrelace essas perspectivas, sublinhando a urgência de pensar o racismo e o feminismo de forma interseccional e interligada.

Machin e Mota (2019), no artigo “Entre o particular e o geral: a constituição de uma ‘loucura negra’ no Hospício de Juquery em São Paulo, Brasil – 1898-1920”, argumentam que o Hospício de Juquery, durante o período de 1898 a 1920, contribuiu para aprofundar as disparidades raciais. O estudo revela como a medicina da época seguiu um modelo racista, buscando relacionar conceitos de loucura a raça, hereditariedade, espécie e inferioridade. Nesse contexto, o homem negro era frequentemente associado a determinadas patologias, enquanto o homem branco era distanciado dessas associações.

4.3 Análise do levantamento do descritor “homem negro classe média”

A análise do levantamento do descritor “homem negro classe média” evidenciou uma escassez significativa de estudos direcionados a esse assunto. Apesar de terem sido localizados 20 artigos na CAFE, 306 na BVS e apenas um na base PePSIC, nenhum dos estudos abordava diretamente as experiências do homem negro de classe média como tema central.

Os materiais encontrados se concentravam em questões como relações de classe e gênero, vivências de mulheres, relações raciais e desigualdades socioeconômicas, sem caracterizar o homem negro inserido em um contexto de maior mobilidade econômica.

Dessa forma, não foi possível aproveitar nenhum artigo para análise detalhada, reforçando a lacuna na produção acadêmica sobre o tema. Esse resultado destaca a necessidade urgente de estudos que abordem as dinâmicas de pertencimento, representação e desafios vivenciados por homens negros na classe média.

4.4 Análise do levantamento do descritor “consciência da negritude”

A revisão de literatura referente ao descritor “consciência da negritude” evidenciou uma escassez significativa de estudos que abordam diretamente o processo de construção de uma identidade racial afirmativa, especialmente entre homens negros com maior mobilidade socioeconômica. Nessa última etapa, ao utilizar

o descritor “consciência da negritude”, constatou-se um número reduzido de trabalhos: 9 artigos na Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) do Portal de Periódicos da CAPES, 3 na BVS e na PePSIC, e nenhum na base SciELO.

Apesar dessa limitação, foi realizada a avaliação dos materiais encontrados, e um estudo foi selecionado para análise, seguindo os critérios previamente estabelecidos.

O artigo “Antônio e o Desvelar de uma Negritude: Processo de Criação Coreográfica Enquanto Propulsor da Construção do Discurso Negro Dentro da Academia”, de Cavalcanti e Sousa (2020), aborda a construção de uma negritude afirmativa por meio da criação artística autoral. A obra coreográfica *Antônio* representa o ponto culminante do processo de conscientização racial de André, evidenciando como a dança pode ser um espaço de ressignificação identitária e política. A pesquisa reflete sobre as contradições do ambiente acadêmico, que, ao mesmo tempo em que proporciona acesso ao conhecimento, ainda perpetua estruturas eurocêntricas que invisibilizam saberes e experiências negras. A construção de uma negritude consciente, segundo os autores, passa pelo reconhecimento do corpo negro como um território de memória e resistência, capaz de transformar vivências pessoais em gestos poéticos que denunciam desigualdades e reafirmam a humanidade. Ao remeter às histórias de luta e trabalho de seu pai, André utiliza a coreografia como um discurso encarnado de existência e reexistência, reafirmando a negritude como um posicionamento ético e estético. O artigo enfatiza a importância de revisitar práticas pedagógicas e currículos para incluir epistemologias negras, evidenciando a potência transformadora da arte na luta contra as subalternizações impostas pelo racismo estrutural. Nesse contexto, *Antônio* se torna uma manifestação de negritude que reivindica espaços de pertencimento e promove um debate crítico sobre raça, identidade e criação artística na academia.

A análise do artigo permitiu observar que o processo de conscientização da negritude não é apenas um ato individual, mas também um movimento coletivo de ressignificação histórica e enfrentamento das estruturas de poder que silenciam narrativas negras. No entanto, a escassez de produções acadêmicas sobre essa temática revela uma lacuna que precisa ser preenchida por estudos que aprofundem as complexas vivências de homens negros em diferentes contextos sociais. Essa ausência reforça a relevância de pesquisas que dialoguem com experiências ainda

marginalizadas, ampliando os horizontes da discussão sobre identidade racial e resistência.

Esse panorama reafirma a carência de pesquisas que abordem a construção da identidade negra em um contexto de ascensão social, evidenciando a relevância de ampliar os estudos que exploram as vivências, os desafios e os processos de autoafirmação da negritude em espaços marcados pela desigualdade e pela discriminação racial.

4.5 Comentários sobre o levantamento de literatura

A revisão de literatura evidencia a complexidade das vivências do homem negro no Brasil, reforçando como o racismo estrutural e as marcas da herança colonial moldam sua identidade e subjetividade. Observa-se que, embora os estudos analisados ofereçam contribuições significativas, há uma notável lacuna no campo da psicologia junguiana aplicada ao tema. A produção acadêmica é vasta em disciplinas como antropologia, sociologia, psicologia social, psicologia educacional, direito e artes; contudo, a abordagem junguiana ainda é limitada. Apenas um estudo foi identificado nesse referencial teórico, o que surpreende, considerando seu potencial analítico para explorar questões contemporâneas de identidade e pertencimento racial.

A psicologia junguiana, com conceitos como individuação e complexos culturais, permite compreender as raízes inconscientes dos estereótipos raciais e suas implicações psíquicas. Entretanto, a conscientização da negritude enquanto um elemento emancipatório — crucial para a reconstrução de uma identidade racial afirmativa — é pouco explorada. Esse processo envolve a valorização das próprias raízes culturais, históricas e sociais, e a ressignificação positiva da identidade negra frente à perpetuação de discursos estigmatizantes.

Sob a ótica junguiana, a conscientização da negritude pode ser interpretada como um movimento necessário no processo de individuação, em que o indivíduo integra experiências dolorosas de exclusão e constrói um senso de si fortalecido e pleno.

A análise aponta que, mesmo após mais de um século da abolição da escravidão, estereótipos raciais continuam restringindo a percepção social do homem negro, mantendo-o em situações de vulnerabilidade e invisibilidade.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, são apresentadas as bases teóricas da psicologia junguiana, considerando que este é o referencial teórico utilizado neste trabalho.

5.1 Psicologia junguiana

5.1.1 Consciência da negritude

O sistema psíquico proposto pela psicologia junguiana se baseia no pressuposto de que existem dois grandes campos: o consciente e o inconsciente. No que se refere ao campo da consciência, Jung (2013a, §440) o define como “função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o eu”. Nesse sentido, a consciência é concebida como um campo de percepção dos fenômenos, cujo centro é ocupado por um núcleo denominado eu/ego. Jung (2013b) descreve o ego da seguinte forma:

Entendemos por eu aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui, como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo se inclui também a personalidade empírica, o eu é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa (JUNG, 2013b, §1).

Para que um conteúdo psíquico seja considerado consciente, é indispensável que ele atravesse o complexo do ego. Segundo Jung (2014c), o ego possui uma base composta por duas dimensões: uma somática, que envolve fatores conscientes e inconscientes relacionados ao corpo e à vida física; e uma psíquica, que compreende a totalidade da consciência (*Si-mesmo*) e os conteúdos do inconsciente. Nesse sistema, o ego desempenha a função de ponte entre o consciente e o inconsciente, mediando as interações entre esses dois níveis psíquicos.

Os conteúdos do inconsciente, na psicologia junguiana, são entendidos como originados de duas instâncias: a pessoal e a coletiva. O inconsciente pessoal abrange complexos emocionais que formam a vida anímica do indivíduo e conteúdos geralmente associados a imagens que residem sob o limiar da consciência. Como afirma Jung (2014b), esses conteúdos têm uma natureza íntima e pessoal, aguardando o momento oportuno para emergirem.

Além dos aspectos individuais, o inconsciente também contém uma camada que transcende o pessoal, denominada inconsciente coletivo (Jung, 2013a). Esta camada se refere a uma predisposição hereditária para gerar determinadas imagens

universais. Tais imagens, frequentemente chamadas de arquétipos, são compartilhadas por toda a humanidade e formam a base simbólica de experiências comuns ao longo da história.

5.1.2 Complexos e identidade racial

Os complexos, conforme Jung (2014a), são o fundamento da vida psíquica. Consistem em imagens de situações psíquicas dotadas de forte carga emocional, geralmente incompatíveis com as disposições habituais da consciência (Jung, 2014a). Os complexos frequentemente dizem respeito a segredos íntimos, cuidadosamente escondidos, que o indivíduo não consegue ou não deseja revelar, mantendo-os em estado de repressão.

Na busca por explorar o inconsciente, Jung (2016) percebeu que, no inconsciente pessoal, há um conjunto de elementos com grande carga emocional que pode influenciar a consciência. Essa compreensão começou a tomar forma no início da carreira de Jung, quando conheceu Freud.

Esses complexos possuem tonalidades afetivas autônomas que se manifestam na consciência por meio de pensamentos obsessivos ou ações difíceis de serem evitados. A origem dos complexos está frequentemente associada a experiências emocionais que fragmentam a psique e permanecem inconscientes, conferindo-lhes maior liberdade de atuação (Jung, 2014a).

Jung (1995) desenvolveu o experimento de associação de palavras para explorar a dinâmica dos complexos, mostrando como os estímulos externos podem ativar memórias emocionais inconscientes. Além disso, ele identificou que aspectos inconscientes podem ser transmitidos entre gerações, influenciando comportamentos e reações emocionais. No caso de mães e filhas, por exemplo, semelhanças nas respostas do teste de associação indicam que os complexos também podem ter uma base familiar e cultural.

Jung (2014a) também descreve os complexos como uma expressão da tendência natural da psique a se cindir em partes autônomas, fenômeno que ocorre como parte do esforço de adaptação ao mundo externo. Cada complexo é constituído por um elemento nuclear com significado simbólico, ao qual estão associadas vivências pessoais e fatores ambientais (Jacobi, 2017).

A manifestação de um complexo está diretamente relacionada à capacidade da consciência de integrá-lo. Quando a consciência não consegue assimilar o complexo,

ela pode ser tragada por ele, resultando em efeitos nocivos que impactam a personalidade. A durabilidade do complexo na consciência é garantida pela existência de uma tonalidade afetiva vigorosa (Jung, 2013a).

De acordo com Whitmont (1969), os complexos fazem parte da personalidade de cada indivíduo e precisam ser integrados por meio da reflexão e da simbolização. Essa integração não elimina os complexos, mas os harmoniza, permitindo que sua energia seja canalizada para o crescimento psíquico. O núcleo dos complexos, frequentemente ligado a arquétipos do inconsciente coletivo, reflete padrões universais de comportamento humano e pode ser compreendido como uma forma de expressão simbólica.

No contexto das vivências infantis, especialmente em ambientes marcados por tensões raciais, os complexos podem ser constelados por experiências que envolvem discriminação ou rejeição. A atmosfera psíquica dos pais, incluindo seus traumas e segredos não resolvidos, também exerce influência sobre a psique infantil. Jung (2013c) ressalta que “não apenas o corpo da criança, mas também sua alma provém da série dos antepassados” (§93). Desse modo, segredos familiares ou vivências ocultadas podem criar estados emocionais duradouros nas crianças, influenciando sua formação identitária e seu comportamento ao longo da vida.

No caso de indivíduos negros, os complexos podem se manifestar por meio de imagens e emoções relacionadas à internalização de estereótipos raciais ou à experiência de rejeição, discriminação e exclusão. A psique, ao tentar lidar com esses conteúdos intensos, pode se fragmentar, reprimindo emoções e criando complexos que interferem na construção da identidade racial. Esses complexos, quando não confrontados, podem dificultar o reconhecimento da negritude, levando o indivíduo a rejeitar aspectos de sua identidade ou a se conformar com padrões impostos externamente.

Dessa maneira, entende-se que muitas vivências dos homens negros, ainda na tenra infância, podem conter uma carga afetiva relacionada à perpetuação de estereótipos que fomentam o racismo e moldam a identidade racial.

5.1.3 Cultura, complexos e racismo

Para Caribé (2018), o pensamento junguiano sobre o ser humano abrange tanto seu aspecto individual quanto os elementos históricos e culturais que o

envolvem. Segundo a autora, todo indivíduo forma seu ego e sua consciência a partir do contexto histórico e cultural em que está inserido.

Nesse sentido, para Caribé (2018), Jung reconhecia que “o indivíduo era potencialmente capaz de acessar, mesmo que parcialmente, não só sua memória individual e sua história pessoal, mas também a de sua cultura, ancestralidade e até da raça humana” (p. 30). A partir dessa visão, fica evidente que, além do inconsciente coletivo, existem características próprias a cada cultura e etnia. Jung (2013a) reforça essa ideia ao afirmar: “Na medida em que há diferenças correspondentes a raça, tribo e família, também há uma psique coletiva e, além disso, uma psique coletiva universal” (§235).

Atualmente, o olhar do psicólogo junguiano não se limita aos processos subjetivos individuais, mas inclui uma preocupação com a maneira como os indivíduos experienciam e atuam no mundo. Questões e contextos históricos, sociais e culturais se tornaram elementos cruciais para a compreensão do sujeito. De acordo com Caribé (2018), o próprio Jung enfatizava que conhecer a cultura de um paciente é indispensável para um acompanhamento terapêutico eficaz, uma vez que “a subjetividade de cada indivíduo é tecida por intermédio da cultura” (Caribé, 2018, p. 39-40). Ignorar esses aspectos culturais pode levar a equívocos em relação ao paciente, perpetuando feridas psíquicas, como aquelas causadas por complexos culturais não trabalhados, como o racismo.

Caribé (2018) também aponta que um dos papéis da prática clínica é identificar as feridas psíquicas causadas por preconceitos e discriminação, avançando em direção a uma psicologia que reconheça a mestiçagem e a diversidade brasileira.

Partindo do conceito de inconsciente coletivo, Henderson acrescenta uma nova perspectiva ao identificar o “inconsciente cultural”, descrito como “uma área mais específica de atividade inconsciente que serve como mediação entre o inconsciente coletivo e a consciência” (Stein, 2019, p. 55). O inconsciente cultural estaria mais próximo da consciência do ego e incluiria memórias e padrões culturais que moldam mitos, rituais e o desenvolvimento humano.

Kimbles e Singer (2004) detalharam o conceito de inconsciente cultural, articulando-o com as ideias de Jung sobre complexos. Segundo Stein (2019), além de complexos pessoais e grupais, existem os complexos culturais, que se referem a tribos, nações e coletividades mais amplas. Henderson (1990) define o inconsciente cultural como “uma área de memória histórica que fica entre o inconsciente coletivo e

o padrão manifesto da cultura” (p. 102-103), incluindo elementos conscientes e inconscientes que moldam o mito e o ritual, influenciando o desenvolvimento dos indivíduos.

Os complexos culturais apresentam características específicas: são carregados de intensa carga emocional, frequentemente inconscientes, acumulam memórias ancestrais e têm núcleos arquetípicos próprios (Stein, 2019). Esses complexos se baseiam em experiências históricas repetidas, enraizando-se nas psiques coletivas e individuais de um grupo, enquanto expressam valores arquetípicos específicos.

No contexto brasileiro, um dos complexos culturais mais profundos é o racismo, que projeta no indivíduo negro aspectos negativos sustentados por um modelo eurocêntrico.

Esses complexos culturais podem transmitir memórias e emoções históricas de longa duração, perpetuando acontecimentos traumáticos de geração em geração. Assim, torna-se essencial investigar como os complexos culturais, especialmente o racismo, afetam a psique do homem negro, contribuindo para uma compreensão mais profunda de suas experiências e seus desafios.

5.1.4 Complexos culturais brasileiros

Para compreender os complexos culturais brasileiros, é necessário revisitar o passado, desde o período do descobrimento, a fim de analisar a formação da identidade ou da “alma brasileira.” Essa reflexão é indispensável, pois a psicologia analítica busca compreender os fenômenos psíquicos humanos, ampliando e aliviando o sofrimento psíquico, considerando que a subjetividade de cada indivíduo é profundamente moldada pela cultura. Nesse sentido, Caribé (2018) destaca que “um complexo cultural, não compreendido e não trabalhado, perpetuará uma ferida na alma” (p. 39-40), sendo o racismo um exemplo marcante dessa dinâmica.

Segundo a autora, um dos papéis centrais da prática clínica é “identificar as feridas psíquicas produzidas por preconceitos e discriminação e avançar para uma psicologia brasileira e mestiça” (Caribé, 2018, p. 41). Ao propor uma “psicologia brasileira e mestiça”, a autora sublinha a importância de desenvolver práticas e teorias que dialoguem com a realidade multicultural e plural do Brasil, evitando importações acríticas de modelos estrangeiros.

Ao revisitar as origens do Brasil, Boechat (2018) observa que nossa identidade como nação carece de valorização interna, muitas vezes sendo ofuscada pela admiração à América do Norte e à Europa. Para o autor, é essencial voltar o olhar para nosso povo e buscar a verdadeira identidade brasileira. Os complexos culturais, que refletem os conflitos históricos de uma coletividade, se formam nos primórdios de uma cultura e permanecem ativos até serem reconhecidos e elaborados.

No caso do Brasil, Boechat (2018) identifica complexos culturais derivados do colonialismo. Um exemplo é o “complexo materno cultural” originado da percepção da Terra Brasil como o arquétipo da Grande Mãe, associada a recursos inesgotáveis, riquezas naturais e paisagens exuberantes. Essa imagem, que remonta ao período do descobrimento, ainda influencia o imaginário coletivo, perpetuando a ideia do Brasil como uma terra de abundância e riquezas inesgotáveis.

Outro complexo significativo é o “complexo cultural da escravidão,” que deixou marcas profundas na memória coletiva brasileira. Em uma tentativa de encobrir esse passado traumático, foi criado o mito da democracia racial, uma “persona” nacional que transmite a ideia de aceitação e convivência harmoniosa entre as raças. Entretanto, Boechat (2018) argumenta que, na sombra desse mito, persiste o racismo estrutural e o que ele denomina “racismo cordial,” caracterizado por uma falsa aceitação do homem negro, que, na prática, continua sendo tratado como inferior. Sob a perspectiva junguiana, esse fenômeno evidencia a dissociação entre o consciente coletivo, que sustenta o mito, e a sombra cultural, que abriga os preconceitos não reconhecidos.

Caribé (2018) complementa que o complexo cultural da escravidão contribuiu para que o Brasil se tornasse um país racista, ainda que negue essa realidade. Segundo a autora, o trauma histórico decorrente da colonização e da escravidão gerou “feridas e mutilações na alma brasileira, ainda hoje sentidas” (p. 45).

O trauma coletivo do racismo se manifesta tanto nos indivíduos quanto nos grupos, com experiências difíceis que se perpetuam ao longo da história. No caso da população negra, há uma rememoração inconsciente de escravidão e exclusão social. Essas dinâmicas geram consequências psicológicas significativas, como aponta Caribé (2018): “são muito extensas, danosas e produzem marcas psíquicas oriundas da dor de ser excluído, inferiorizado, rejeitado e desrespeitado em seus direitos” (p. 54).

As consequências do racismo no psiquismo incluem dificuldades de identificação e baixa autoestima associadas à negritude. Esses impactos reforçam a importância de abordar o racismo e seus complexos culturais no campo da psicologia, a fim de promover o reconhecimento dessas dinâmicas e trabalhar para sua superação.

5.1.5 Processo de individuação na conscientização da negritude

Segundo Jung (2014c), a individuação é compreendida como um “processo que gera um *individuum* psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo” (§490). Esse todo é formado por experiências conscientes integradas pelo ego, além de conteúdos inconscientes que também fazem parte da psique. Para Jung, todas as nossas experiências e ações envolvem um aspecto psíquico, pois é no inconsciente que residem as possibilidades de nossos pensamentos e comportamentos. Esses elementos, ainda não conscientes, podem ser considerados “uma soma descentralizada de processos psíquicos” (§496).

Ter consciência de algo significa integrar conteúdos antes inconscientes — que não eram relacionados ou organizados racionalmente — em um sistema coerente e consciente. Nesse contexto, Jung (2014c) afirma que “a consciência origina-se de uma psique inconsciente” (§502), destacando que o ego, como centro da consciência e da personalidade, tem sua origem no inconsciente desde o nascimento.

Lima e Rades (2017), baseando-se em Neumann (1995), ressaltam que o desenvolvimento do ego não segue uma linearidade gradativa. Nos primeiros meses de vida, o bebê não possui consciência de si mesmo nem do mundo externo. Simbolicamente, essa fase inicial é representada pelo *uroboros* — a imagem da serpente que engole a própria cauda, formando um círculo perfeito (p. 39). O *uroboros* representa a fusão simbiótica em que o bebê não distingue entre ele mesmo e sua mãe ou outras pessoas, sendo incapaz de compreender conceitos como tempo e espaço.

De acordo com Neumann, o arquétipo materno desempenha um papel fundamental ao incentivar o desenvolvimento do ego do bebê. Durante a fase *uroboros*, a função simbólica da figura materna é não apenas contribuir para a formação do ego, mas também orientar o bebê a mediar a relação entre o mundo interno e o externo. Nesse processo, “o *Self* materno mostra ao ego do filho que ele deve estabelecer uma relação com o outro” (Lima; Rades, 2017, p. 41).

Por volta de um ano de idade, o ego da criança começa a se formar, embora ainda seja frágil. Com o passar do tempo, espera-se que o indivíduo consiga cada vez mais distinguir seu mundo interno inconsciente do mundo externo consciente, encontrando significados próprios. No entanto, desvios nesse processo podem levar a manifestações do inconsciente que abalam a consciência.

Quando o inconsciente se manifesta e desestabiliza a consciência, isso indica que algo precisa ser encarado para que o caminho em direção à meta possa ser retomado. Ainda que, em um nível consciente, tudo pareça estar em equilíbrio, o inconsciente pode sinalizar que algo não está em harmonia. Jung (2014c) explica que o inconsciente funciona como uma compensação das atitudes da consciência, buscando restaurar o equilíbrio psíquico.

Essa busca de equilíbrio entre consciente e inconsciente é o cerne do processo de individuação. Jung (2014c) define a individuação como um “processo ou percurso de desenvolvimento produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais” (§523), em que o diálogo entre o consciente e o inconsciente permite que o indivíduo alcance um estado de maior integração e autocompreensão.

5.2 Autoestima e os sentimentos de culpa e vergonha do homem negro

A autoestima pode ser entendida como a capacidade do indivíduo de acreditar em si mesmo e enfrentar adversidades sem ser profundamente abalado. Essa construção começa na infância, especialmente por meio de relacionamentos saudáveis com os pais e o ambiente, que contribuem para o desenvolvimento de uma personalidade segura. Segundo Grazi (2016), essas primeiras interações proporcionam à criança características como autoconfiança e a capacidade de realizar seu potencial. Durante as relações parentais iniciais, a criança começa a identificar quais aspectos de sua personalidade são aceitos e quais podem ser menos apreciados, influenciando diretamente sua autoestima.

Nesse contexto, o vínculo materno desempenha um papel crucial nos primeiros anos de vida. Quando a mãe oferece proteção e segurança e atende às necessidades do bebê, o desenvolvimento da consciência ocorre de forma saudável. Esse suporte possibilita que o indivíduo, ainda na infância, seja capaz de “lidar com o mundo e com o outro como objeto” (Grazi, 2016, p. 54). No entanto, a ausência desse ambiente seguro pode levar à experiência de abandono e insegurança, afetando negativamente a autoestima e perpetuando esse impacto desde a infância até a vida adulta.

Além do ambiente familiar, outros fatores, como julgamentos depreciativos e abusos psíquicos, físicos ou sexuais, podem traumatizar o senso de dignidade do indivíduo, gerando sentimentos de vergonha, rejeição e degradação. Grazi (2016) define autoestima como “a maneira pela qual uma pessoa se sente em relação a si mesma, um juízo geral que reflete integridade, autorrespeito, dignidade e valor próprio” (p. 56). Assim, a autoestima é composta tanto por experiências individuais quanto pela sensação de pertencimento a grupos sociais, como família, amigos e comunidades religiosas.

Dois sentimentos que frequentemente influenciam a autoestima são a culpa e a vergonha, que, embora pareçam similares, têm distinções importantes. Jacoby (2010) explica que a culpa está associada a uma percepção de erro — “sentir-se uma pessoa má por ter feito algo que não deveria” (p. 23). Já a vergonha está mais ligada à sensação de desvalorização ou humilhação, mesmo sem uma transgressão específica que justifique esses sentimentos. Enquanto a culpa pode motivar a reparação, a vergonha com frequência imobiliza o indivíduo, dificultando uma resposta ativa para superar essa condição.

No caso de eventos traumáticos, especialmente na infância, a vergonha pode gerar uma “derrota emocional de grande repercussão” que afeta profundamente a autoestima na vida adulta (Jacoby, 2010, p. 28). Esses sentimentos são influenciados não apenas por experiências individuais, mas também por normas coletivas e culturais que moldam o que é considerado aceitável.

Quando se trata do homem negro, essas dinâmicas se tornam ainda mais complexas. Fernandes (2021) destaca que o corpo negro é frequentemente visto como indesejado, associado a representações históricas negativas tanto morais quanto intelectuais. Essa percepção gera sofrimento psicológico, manifestado em sentimentos de tristeza, raiva e violência. Souza (2021) acrescenta que o homem negro enfrenta uma constante tensão entre aceitar sua negritude, enfrentando os olhares de desvalorização e vergonha, ou aderir ao processo de embranquecimento, renunciando a sua identidade negra.

O racismo estrutural intensifica os sentimentos de culpa e vergonha no homem negro. Por ser constantemente julgado pela cor da pele e associado a atributos negativos, o indivíduo negro é levado a internalizar essas mensagens, afetando sua autoestima e autovalorização. Muitas vezes, a vergonha se manifesta não como resultado de ações ou erros individuais, mas como uma resposta ao preconceito e à

exclusão, criando uma sensação de inferioridade profunda. A culpa, nesse contexto, também pode surgir como uma tentativa de racionalizar ou corrigir aquilo que o racismo impõe, embora, frequentemente, o problema esteja fora do controle do indivíduo.

A conscientização da negritude, portanto, torna-se um processo essencial para quebrar esse ciclo de culpa e vergonha. Segundo Souza (2021), o homem negro precisa enfrentar as projeções negativas associadas à sua identidade e ressignificar sua percepção de si mesmo, reconhecendo seu valor e sua história. Esse processo de conscientização, alinhado à perspectiva da psicologia analítica, permite ao indivíduo integrar aspectos rejeitados de sua identidade, fortalecendo sua autoestima e promovendo um senso mais pleno de individuação.

Sob a ótica da psicologia junguiana, os complexos culturais, como o racismo, operam tanto no nível individual quanto no coletivo. Caribé (2018) argumenta que esses complexos criam feridas psíquicas que perpetuam o sofrimento emocional e a exclusão. Nesse sentido, a terapia pode desempenhar um papel crucial ao ajudar o homem negro a reconhecer as dinâmicas do racismo, lidar com os sentimentos de culpa e vergonha e encontrar caminhos para afirmar sua identidade com dignidade e autenticidade.

5.3 Racismo e a construção de identidade do homem negro

Mesmo após 136 anos do fim da abolição da escravidão, o homem negro ainda é frequentemente visto de forma estereotipada, semelhante à percepção do período colonial. Esse fenômeno decorre da presença de um complexo racial no psiquismo individual e coletivo do Brasil, que perpetua dores psíquicas em níveis individuais e coletivos (Mota, 2019). Tais marcas resultam da continuidade e atualização de práticas racistas, que se manifestam tanto de forma explícita quanto camuflada.

Um dos marcos históricos do racismo brasileiro é a desumanização do homem negro, que durante séculos foi visto como objeto ou mercadoria. Para Mota (2019), essa desumanização é o cerne do conflito psicológico, que reflete a incapacidade do homem branco de reconhecer a humanidade do negro. No caso do racismo, essa reorganização é frequentemente marcada por uma internalização de opressões sociais, que afetam a percepção do indivíduo sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor.

Os complexos culturais, conforme propostos por Kimbles (2006), ampliam a teoria junguiana dos complexos para a dimensão grupal, investigando a dinâmica dos

conflitos que emergem dentro de coletividades. Esses complexos culturais, baseados nas ideias sobre complexos de Jung (2014a) e inconsciente cultural de Henderson (1990) sobre o inconsciente cultural, ajudam a compreender como traumas históricos e sociais, como o racismo, moldam os comportamentos e as experiências de grupos marginalizados.

Kilomba (2020) destaca que o racismo atual continua silenciando o homem negro, impedindo-o de se expressar plenamente e de experimentar a vida em condições de igualdade. Esse desejo de se expressar, muitas vezes negado, reflete a luta por reconhecimento e inclusão. Para Fanon (2008), as práticas racistas contemporâneas guardam estreita semelhança com as do período colonial, pois mantêm o negro em um lugar de subjugação, alimentando um complexo de inferioridade. Segundo Fanon (2008), “o negro não pode nunca esquecer seu lugar nessa sociedade” (p. 112), sendo frequentemente excluído de posições de poder e prestígio.

Além disso, Fanon (2008) descreve a experiência de ser negro como algo intrinsecamente visível e inescapável. Ele relata como os olhares e as atitudes de brancos o fazem calcular meticulosamente seus movimentos, temendo ser interpretado como uma ameaça. Essa vigilância constante reforça a alienação e o trauma psíquico, pois as imagens e narrativas associadas à negritude com frequência são desumanizantes e depreciativas.

Kilomba (2020) complementa que o homem negro é alvo das projeções do homem branco, que deposita nele aquilo que não consegue integrar em si mesmo. Esse mecanismo de projeção gera uma dor profunda, pois nega a identidade do negro e reforça sua exclusão. As microagressões, muitas vezes expressas em frases como “você é uma boa pessoa apesar da sua cor” ou “você, mesmo qualificado, não foi escolhido para a vaga”, ilustram como o racismo pode ser sutil, mas devastador.

Essa dinâmica é exemplificada pelo caso do humorista Eddy Jr.¹⁰, que, em 2022, foi vítima de insultos racistas por parte de uma vizinha em São Paulo. Ao ser chamado de “imundo” e “bandido”, Eddy foi confrontado com estereótipos históricos que associam o negro à criminalidade e à falta de valor social. Esses episódios reforçam a ideia de que o negro, em muitos espaços, é julgado antes mesmo de ser conhecido, com base apenas na cor de sua pele.

¹⁰ CASO de racismo contra humorista Eddy Jr.: o que se sabe e o que falta. **G1 - Portal de notícias da Globo**. 19 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/19/caso-de-racismo-com-humorista-eddy-jr-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>. Acesso em: ago. 2024.

A internalização desses estereótipos leva ao fenômeno do embranquecimento, no qual o negro renuncia a sua identidade para buscar aceitação social (Parise; Scandiucci, 2022). Nesse contexto, o colorismo¹¹ e a pigmentocracia¹² surgem como um elemento central, valorizando tons de pele mais claros e reforçando a ideia de que a negritude é menos desejável. Harris (2014) argumenta que tons de pele mais claros são frequentemente associados a atributos positivos, enquanto os mais escuros são desvalorizados.

Outro mecanismo de negação do racismo no Brasil é o mito da democracia racial, que minimiza as desigualdades e mascara o preconceito (Fernandes, 2008). Para Caribé (2018), esse mito perpetua uma ideia ilusória de igualdade, enquanto, na prática, o racismo continua a operar de forma estrutural. A autora enfatiza a necessidade de confrontar esses preconceitos e trabalhar para transformá-los, reconhecendo que o racismo é uma construção social e ideológica, não biológica.

O impacto psicológico do racismo, como destacam Tancetti e Esteves (2020), é devastador. Ele priva o negro de cidadania plena, reforça a internalização de estereótipos negativos e gera dúvidas sobre sua capacidade e valor. Esse processo afeta profundamente a autoestima e a identidade, criando um ciclo de alienação e exclusão.

5.4 Desigualdade e segregação entre brancos e negros na classe média

O levantamento de literatura com o descritor “homem negro classe média” (Capítulo 4.3) evidenciou a escassez de estudos no campo da psicologia que abordassem diretamente as vivências desse grupo. Diante dessa limitação, este capítulo apresenta uma fundamentação teórica que discute as dinâmicas de desigualdade e segregação presentes na classe média, oferecendo subsídios para a análise das barreiras enfrentadas por homens negros em processos de ascensão social. Para enriquecer o embasamento dessa temática, foram utilizados referenciais teóricos oriundos de outros campos do conhecimento, como a sociologia, a economia e a antropologia, ampliando a compreensão sobre as intersecções entre raça, classe e mobilidade social.

¹¹ Termo que descreve uma forma de discriminação interpessoal e social baseada em tons de pele dentro de um mesmo grupo racial. Está relacionado a padrões de beleza, estereótipos e oportunidades econômicas e sociais.

¹² Conceito que amplia o conceito de colorismo para descrevê-lo como um sistema hierárquico, no qual o poder e os privilégios estão organizados de acordo com a tonalidade da pele.

A desigualdade se caracteriza pela distribuição desproporcional de recursos, oportunidades e poder entre diferentes indivíduos ou grupos em uma sociedade. Esse conceito abrange diversas dimensões, como econômica, social, política e cultural, manifestando-se em contextos como o acesso a serviços básicos, oportunidades de emprego, educação e participação política (Godinho, 2011; Fragoso, 2024).

No contexto econômico, a desigualdade é frequentemente analisada por meio das disparidades de renda e riqueza. Estudos econômicos e sociológicos avaliam como essas diferenças na distribuição de recursos financeiros afetam a qualidade de vida e as oportunidades disponíveis para diferentes grupos. Essas disparidades geram efeitos significativos no padrão de vida, na saúde e no bem-estar entre ricos e pobres (Barros; Henriques; Mendonça, 2000).

A desigualdade social é um conceito mais abrangente, incluindo não apenas aspectos econômicos, mas também a posição social e o prestígio. Ela reflete como diferentes grupos sociais são valorizados na sociedade, afetando seu acesso a oportunidades e benefícios sociais. Fatores como classe social, raça, etnia, gênero e origem geográfica desempenham um papel central na configuração dessas desigualdades (Godinho, 2011).

A desigualdade política se manifesta por meio de disparidades de poder e influência entre diferentes grupos, limitando sua capacidade de participar da tomada de decisões, influenciar políticas públicas e acessar justiça e proteção legal. Essa desigualdade pode restringir a voz e a representação de determinados grupos na esfera pública, perpetuando as disparidades sociais.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas, valores e normas que caracterizam um grupo social, desempenha papel fundamental na manutenção das desigualdades. Transmitida de geração para geração, a cultura molda a identidade e o comportamento dos indivíduos. Contudo, devido à sua natureza profundamente enraizada nas tradições e estruturas sociais, é resistente a mudanças rápidas, preservando desigualdades históricas (Tylor, 2014; Geertz, 1989).

Culturalmente, as desigualdades podem se manifestar em preconceitos e discriminações que afetam a aceitação e o tratamento de indivíduos com base em características pessoais, como etnia, gênero e orientação sexual. Esses preconceitos reforçam barreiras sociais, limitando a inclusão e a igualdade de oportunidades (Fragoso, 2024).

A segregação social reflete e reforça as desigualdades, especialmente no espaço urbano. Segundo Caldeira (2000), padrões de segregação organizam diferenças sociais, revelando os princípios estruturais que definem a vida pública e as interações entre grupos. A emergência de enclaves fortificados, por exemplo, reflete uma resposta conservadora à democratização, perpetuando desigualdades e autoritarismo.

Fernandes (1972) destaca que a segregação tem raízes históricas no Brasil, com a separação entre “senzala” e “casa grande” exemplificando uma divisão social profunda. Brun (1994) complementa, argumentando que a segregação é sustentada pelo medo do grupo dominante em relação ao grupo excluído, frequentemente associado a elementos imaginários. Freeman (2012) acrescenta que restrições à interação podem ser reforçadas por ações tanto do grupo dominante quanto do grupo excluído, intensificando a segregação.

No Brasil, a segregação espacial entre brancos e negros é um reflexo das desigualdades econômicas e sociais. Para Weber (1999), os estamentos e classes explicam a perpetuação dessas disparidades. Enquanto as classes estão relacionadas às realizações econômicas, os estamentos refletem julgamentos sociais e culturais. Negros da classe média enfrentam barreiras de prestígio social, evidenciando que a mobilidade econômica não garante integração plena.

Além disso, a segregação influencia a formação de relações sociais, dificultando a construção de pontes entre diferentes grupos. Briggs (2007) enfatiza que a segregação residencial impacta negativamente as oportunidades de interação, perpetuando estereótipos e limitando a convivência democrática. Mesmo a proximidade física, como observado por Jackman e Crane (1986), não é suficiente para desfazer preconceitos profundamente enraizados.

Essa segregação e essa desigualdade afetam não apenas as condições objetivas de vida dos negros da classe média, mas também sua subjetividade e imagem de si. Ao serem constantemente submetidos a estereótipos e rejeições, esses indivíduos com frequência enfrentam sentimentos de culpa e vergonha profundamente arraigados. A culpa surge do esforço interno de corresponder às expectativas de um padrão social idealizado pela branquitude, enquanto a vergonha é provocada pela constante depreciação de sua identidade racial.

Esses sentimentos se refletem em sua autoestima, que é frequentemente prejudicada pela falta de reconhecimento social. A autoestima, compreendida como a

percepção de valor e respeito que o indivíduo tem por si mesmo, torna-se frágil quando o negro da classe média percebe que suas conquistas econômicas não eliminam as barreiras sociais impostas pela sua cor de pele. Como resultado, muitos internalizam a ideia de que são inadequados ou indignos, vivenciando uma desconexão entre sua identidade individual e a forma como são vistos socialmente.

A segregação espacial, ao limitar as interações e reforçar os estigmas, intensifica esses sentimentos, criando um ciclo no qual o indivíduo é constantemente lembrado de sua posição marginalizada na sociedade. O colorismo e os estereótipos reforçam essa dinâmica, privilegiando aqueles com traços mais próximos da branquitude e excluindo ainda mais os negros de pele mais escura, exacerbando a exclusão e o isolamento.

Portanto, ao abordar a desigualdade e a segregação, é essencial considerar seus impactos profundos na personalidade do negro da classe média, particularmente na formação de sua autoestima e na superação dos sentimentos de culpa e vergonha. Apenas por meio de um reconhecimento genuíno e de mudanças estruturais que promovam a inclusão será possível aliviar essas tensões e permitir que esses indivíduos ocupem plenamente seus espaços na sociedade.

6 RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a sistematização dos resultados obtidos nas entrevistas, bem como a análise decorrente dos achados. Para proporcionar uma melhor compreensão dos dados, será realizada inicialmente uma breve apresentação dos participantes, seguida pela exposição dos resultados organizados por grupos temáticos identificados durante a análise.

A análise foi conduzida com base no arcabouço teórico da psicologia analítica, o que permitiu aprofundar a interpretação das vivências relatadas, considerando os aspectos simbólicos e os processos psíquicos inconscientes que permeiam as experiências dos participantes. Essa abordagem possibilitou identificar padrões emocionais e comportamentais associados às dinâmicas de raça e identidade, ampliando a compreensão sobre os impactos emocionais e sociais vivenciados por homens negros de classe média.

6.1 Participantes

Nesta pesquisa, participaram sete homens que se autodeclaram pardos ou pretos, considerando o padrão de autodeclaração do IBGE como a soma das categorias de pretos e pardos. Ao final de cada entrevista, foi solicitado que cada participante escolhesse um nome fictício. Essa intervenção teve o objetivo de permitir que os conteúdos emocionalmente mobilizadores da conversa se expressassem também na escolha individual do nome, simbolizando um movimento carregado de carga afetiva. Além disso, a escolha dos nomes contribuiu para preservar o anonimato dos participantes, garantindo o sigilo ético da pesquisa. Segue a tabela com os dados gerais dos participantes:

Quadro 3 - Participantes da pesquisa

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Autodeclaração cor/raça/etnia</i>	<i>Identidade de gênero</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda Salarial</i>	<i>Profissão</i>
Alex	36	Pardo	Homem cisgênero	Solteiro	Graduação completa	6 a 8 salários mínimos	Enfermeiro
Edmilson	32	Preto	Homem cisgênero	Casado	Graduação completa	6 a 8 salários mínimos	Coordenador de Operações

Luan	27	Pardo	Homem cisgênero	Solteiro	Pós-graduação (Especialização) incompleto	3 a 5 salários mínimos	Advogado e Professor Assistente de Graduação
Gean	20	Pardo	Homem cisgênero	Solteiro	Graduação incompleto	3 a 5 salários mínimos	Estagiário em Direito Tributário
Lopes	32	Pardo	Homem cisgênero	Solteiro	Graduação completa	9 salários mínimos ou mais	Empresário
Douglas	21	Preto	Homem cisgênero	Solteiro	Graduação incompleto	3 a 5 salários mínimos	Estagiário em Direito
Davi	39	Preto	Homem cisgênero	Solteiro	Graduação completa	9 salários mínimos ou mais	Empresário

Fonte: O autor, 2025.

O primeiro participante, **Alex**, reside na zona leste de São Paulo, tem 36 anos, é formado em bacharelado em Enfermagem e trabalha em hospitais particulares. O segundo, **Edmilson**, mora na região sul de São Paulo, tem 32 anos, é formado em Administração e exerce a função de coordenador de operações em uma empresa privada.

Luan, o terceiro participante, vive na zona oeste de São Paulo, tem 27 anos, é formado em Direito, está cursando uma pós-graduação em Direito Penal e atua como assistente de professor na graduação. Já o quarto participante, **Gean**, reside na região centro-sul de São Paulo, tem 20 anos, é estudante do sexto semestre de Direito e trabalha como estagiário em um escritório na área de Direito Tributário.

Lopes, o quinto participante, mora na região sul de São Paulo, tem 32 anos, é formado em Engenharia Mecânica e é sócio de uma empresa que atua no setor de energia solar. O sexto, **Douglas**, reside na zona central de São Paulo, tem 21 anos, cursa o sétimo semestre de Direito e trabalha como estagiário em uma empresa privada. Por fim, **Davi**, o sétimo participante, reside também na região central de São Paulo, tem 39 anos, é formado em Direção de Cinema e Educação e possui especializações na área de mobilização social, na qual atua profissionalmente.

6.2 Análise sobre os participantes

Os participantes da pesquisa são homens cisgêneros negros (pretos ou pardos), com idades entre 20 e 39 anos, que pertencem à classe média, como indicado pelas faixas de renda entre 3 e mais de 9 salários mínimos. A maioria possui níveis de escolaridade elevados, com graduação completa ou em andamento, refletindo um padrão de ascensão educacional típico da classe média urbana. Suas profissões variam entre áreas técnicas, administrativas e empreendedoras, indicando uma diversificação ocupacional que demonstra acesso a diferentes oportunidades profissionais.

A diversidade de autodeclarações raciais entre os participantes, que se identificam como “pretos” ou “pardos”, pode estar relacionada a aspectos culturais, a experiências pessoais e à percepção social. Os participantes pretos (Edmilson, Douglas e Davi) e pardos (Alex, Luan, Gean e Lopes) compartilham o espaço social da classe média, mas podem estar vivenciando a negritude de formas distintas devido às nuances de colorismo e estigmatização racial.

Os dados mostram que a maioria dos participantes possui, no mínimo, ensino superior completo ou está em processo de formação acadêmica. Essa característica evidencia que a educação formal tem sido um caminho central para a mobilidade social de homens negros de classe média em São Paulo. A experiência acadêmica pode atuar não apenas como um espaço de formação profissional, mas também como um ambiente de conscientização racial. Por exemplo, cursos como Direito Penal (Luan), Direção de Cinema (Davi) e Administração (Edmilson) podem oferecer oportunidades para debates sobre questões raciais. A diversificação das profissões dos participantes, como advogado, empresário e enfermeiro, sugere diferentes níveis de acesso e inserção no mercado de trabalho. Entretanto, o racismo estrutural no Brasil pode limitar a ascensão desses homens, mesmo em posições economicamente privilegiadas.

Os participantes pertencem a diferentes faixas de renda dentro da classe média, variando entre 3 e 5 salários mínimos (Luan, Gean, Douglas), 6 e 8 salários mínimos (Alex, Edmilson) e mais de 9 salários mínimos (Lopes, Davi). Essas diferenças podem indicar variados níveis de estabilidade econômica e inserção no mercado de trabalho. Homens negros com rendas mais altas, como Lopes e Davi, podem vivenciar a negritude em ambientes predominantemente brancos e elitizados, enfrentando microagressões e desafios relacionados à representatividade. Por outro

lado, aqueles com rendas mais baixas podem vivenciar preconceitos mais explícitos em contextos mais competitivos ou precarizados.

Em relação ao estado civil, seis dos sete participantes são solteiros, enquanto apenas um é casado (Edmilson). Isso levanta questões sobre as redes de suporte social e as pressões enfrentadas por homens negros de classe média em São Paulo. Homens solteiros podem ter experiências distintas de pertencimento e suporte emocional, o que pode influenciar na forma como lidam com o racismo e a autoaceitação racial.

Os dados sugerem que o processo de conscientização racial desses homens está diretamente relacionado ao contexto em que vivem e às experiências que enfrentam como homens negros de classe média. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho são fatores centrais nesse processo, mas nuances relacionadas à autodeclaração racial, à faixa de renda e à ocupação também desempenham um papel importante. Para os participantes pardos, o colorismo pode adiar ou tornar mais complexo o reconhecimento da própria negritude. Já para os participantes pretos, o enfrentamento de racismo explícito pode catalisar uma conscientização mais imediata.

A posição de classe média, por sua vez, pode gerar um sentimento de “não pertencimento” tanto em relação às comunidades negras de classes populares quanto aos espaços brancos elitizados. Essa dualidade pode ser fonte de tensões emocionais e identitárias para os participantes. Por exemplo, Lopes e Davi, empresários com rendas mais altas, podem se sentir isolados em círculos empresariais em que a representatividade negra é mínima. Por outro lado, Douglas e Gean, que atuam como estagiários, podem enfrentar dificuldades para se afirmar em seus ambientes profissionais.

Embora a classe média ofereça oportunidades de ascensão social, ela também apresenta desafios relacionados à discriminação racial, à representatividade e ao pertencimento. Esses elementos precisam ser aprofundados na discussão para conectar as experiências individuais dos participantes ao contexto mais amplo de racismo estrutural e mobilidade social no Brasil.

6.3 Análise temática

Os grupos temáticos elaborados para a dissertação se mostraram pertinentes e estrategicamente alinhados aos objetivos da pesquisa. Cada grupo permitiu uma abordagem técnica e aprofundada, explorando aspectos essenciais para a análise

proposta. Esses temas foram desenvolvidos com base nas perguntas norteadoras e nos relatos dos participantes que se destacaram ao longo das entrevistas, conforme apresentado na tabela abaixo com a relação dos grupos e seus respectivos temas.

Quadro 4 - Grupos temáticos da pesquisa

Núcleos Temáticos	Temáticos
Contexto Familiar e Educação Racial	- Construção da Identidade Racial na Infância - Instruções de Cuidado e Socialização Racial
Vivências Escolares e Infância Social	- Relações Raciais e Sentimento de Pertencimento - Tratamento em Ambientes Escolares e Acadêmicos
Experiências de Racismo e Discriminação Cotidiana	- Discriminação em Espaços Públicos e Cotidiano - Racismo Direto e Memórias de Preconceito
Conscientização e Vivência da Negritude	- Reflexões sobre Negritude em Ambientes de Maioria Branca - Significado da Negritude e Processo de Conscientização

Fonte: O autor, 2025.

O grupo temático “**Contexto Familiar e Educação Racial**” evidenciou a importância do ambiente familiar como espaço inicial de formação da consciência racial. A família, enquanto núcleo de socialização primária, foi descrita por Falcke e Wagner (2005) como o local onde processos simbólicos e culturais são transmitidos de geração em geração, moldando a percepção de identidade individual e coletiva. Esses processos podem tanto fortalecer quanto negligenciar o desenvolvimento da consciência sobre a negritude.

As dinâmicas familiares se relacionam aos **Complexos Culturais** descritos por Kimbles (2006), que carregam memórias coletivas e intergeracionais capazes de influenciar tanto a psique individual quanto a coletiva. Em famílias miscigenadas, essas memórias desempenharam um papel central na forma como os participantes percebiam raça e identidade, impactando seus sentimentos de pertencimento.

Dentro desse grupo temático, emergiu o tema **“Construção da Identidade Racial na Infância”**, que investigou como as mensagens familiares influenciaram a percepção racial dos participantes desde cedo. Ao serem perguntados sobre como identificavam a etnia de seus pais, foi possível construir o quadro abaixo:

Quadro 5 - Identidade étnica dos pais dos participantes

Entrevistado	Mãe	Pai
Davi	Preta	Preto
Gean	Branca	Branco
Lopes	Negra	Pardo
Edimilson	Parda	Preto
Douglas	Preta	Branco
Alex	Parda	Negro
Luan	Parda	Negro

Fonte: O autor, 2025.

A partir desse quadro, observa-se que seis dos entrevistados consideraram pelo menos um de seus pais como pertencente ao grupo racial negro. Isso pode indicar a presença de uma identificação familiar pela raça, com possíveis impactos na percepção de pertencimento dos participantes.

O caso de Gean se destacou, pois, apesar de identificar ambos os pais como brancos, ele se autodeclarou pardo e relatou o seguinte sobre sua família materna:

“Minha mãe se autodeclara branca, mas a família dela é a parte negra. (...) Ela tem o cabelo crespo.”

Com base nesse relato e considerando que não houve contato direto com a mãe de Gean, pode-se levantar a hipótese de um possível mecanismo de embranquecimento. No entanto, isso não parece ter impedido que Gean, ao longo de seu desenvolvimento, se reconhecesse e se afirmasse como negro. Esse reconhecimento pode ser compreendido como parte de um processo de individuação, no qual ele construiu uma narrativa própria de pertencimento racial, independentemente das percepções familiares sobre a identidade étnica.

O tema **“Instruções de Cuidado e Socialização Racial”** investigou se os responsáveis instruíam os participantes sobre cuidados específicos relacionados à raça e analisou discursos de proteção ou alerta que moldaram a relação com a sociedade desde a infância.

Os relatos indicaram que, em muitos casos, havia conversas que buscavam preparar as crianças para as adversidades raciais que poderiam enfrentar. Um exemplo significativo é o de Gean, que, ao estudar em uma escola particular majoritariamente frequentada por crianças brancas, recordou que essa experiência motivou diálogos sobre questões raciais desde cedo:

“Gerou conversas sobre questões raciais bem cedo, sobre o que falar na escola e como poderiam me chamar.”

Outro exemplo que evidencia essa instrução é o relato de Alex. Sua mãe, ao observar comportamentos de risco, costumava alertá-lo sobre as diferenças de tratamento que ele poderia enfrentar devido à sua cor de pele:

“O fulano tem uma condição melhor, o ciclano também, mas a coisa vai ser pior para você se estiver aprontando junto.”

Esses relatos revelam que, desde a infância, muitos participantes foram instruídos a adotar uma postura de cautela em situações que poderiam implicar riscos, sendo conscientizados sobre as possíveis consequências desiguais devido à cor de sua pele. Esse tipo de orientação reflete não apenas o cuidado dos pais, mas também a tentativa de preparar os filhos para navegar em uma sociedade em que questões raciais ainda impactam as relações e oportunidades.

O grupo **“Vivências Escolares e Infância Social”** analisou os períodos da vida em que as percepções sobre identidade racial se tornaram mais marcantes, sendo influenciadas pelas interações com colegas, professores e o ambiente escolar. Elementos como as representações culturais tiveram um papel fundamental na formação da identidade dos participantes, moldando tanto a forma como eles se viam quanto a maneira como eram vistos pelos outros.

Inicialmente, foi possível identificar um período em que as crianças não percebiam ou não estranhavam as diferenças étnicas, considerando todos como iguais e amigos. Esse período é exemplificado pela fala de Edmilson:

“Eu tive amigos de muitas etnias, isso é muito bom também. Eu tive amigos brancos como melhores amigos e tive amigos negros e orientais.”

No entanto, esse cenário de igualdade percebida tende a se modificar por volta dos 5 ou 6 anos, à medida que as crianças começam a distinguir de forma mais clara o “eu” e o “outro”, o que influencia a formação de amizades e, ocasionalmente, desencadeia conflitos. As brincadeiras e interações que antes eram vistas como inofensivas podem adquirir conotações ofensivas dependendo do contexto e da entonação. Esse aspecto é ilustrado no relato de Lopes:

“Quando você é criança na escola, tem muita briga. Então, no momento de discussão, sempre tem 'Ah, macaco' ou 'neguinho' para tentar xingar o outro. Mas eu nunca levei isso a sério quando era uma brincadeira, por exemplo, quando estava todo mundo sentado conversando e alguém dizia: 'E aí, neguinho, macaquinho'.”

Esses relatos evidenciam como as interações sociais na escola podem transitar entre relações amistosas e situações de tensão. As expressões usadas no ambiente escolar, dependendo das circunstâncias, podem reforçar estereótipos e provocar desconforto, mostrando que, com o tempo, as crianças passam a compreender o peso simbólico das palavras e a perceber a discriminação em seu entorno.

O processo de individuação, conforme descrito por Jung (2013c), permitiu compreender como essas experiências impactaram a integração de imagens internas e externas associadas à negritude, evidenciando os desafios para a construção de uma identidade coesa em meio a influências contraditórias.

O conceito de Inconsciente Cultural, desenvolvido por Henderson (1990), também foi relevante para refletir sobre como as narrativas sociais amplamente difundidas reforçam estereótipos desvalorizadores. Essas representações geraram um constante embate entre o desejo de aceitação social e a necessidade de afirmação de uma identidade racial plena. Muitos participantes relataram experiências de amizades marcadas pela diferença racial e mencionaram sentimentos de pertencimento ou exclusão nesses contextos.

Entre os relatos, destacou-se o tema **“Relações Raciais e Sentimento de Pertencimento”**, que mostrou como as dinâmicas sociais na escola influenciaram esses sentimentos. Enquanto alguns participantes relataram inclusão, outros mencionaram episódios de distanciamento e isolamento devido à cor de sua pele.

O tema **“Tratamento Diferenciado na Escola”** revelou situações de tratamento preconceituoso por parte de professores e funcionários, que muitas vezes eram normalizadas na época, mas hoje são reconhecidas pelos participantes como manifestações claras de racismo. O relato de Edmilson, em particular, ilustra de

maneira impactante como determinadas vivências podem repercutir emocionalmente, causando abalos profundos e duradouros.

Edmilson compartilhou o seguinte episódio:

“Eu e meu amigo branco estávamos fazendo uma atividade. Nós entendemos errado a proposta que a professora tinha passado e pedimos uma nova folha para refazer. A professora deu outra folha para ele, mas para mim ela disse que não daria e que eu teria que pegar a minha no lixo, porque a gente tinha amassado as folhas e jogado lá. Ela me fez buscar no lixo. Eu não achava a folha porque havia vários papéis na lixeira da sala. Meu amigo veio me ajudar a procurar. E, quando eu estava tirando a mão do lixo, ela cuspiu na minha mão. Isso me causou traumas ainda na infância.”

Esse relato evidencia não apenas o tratamento desigual, em que o menino branco recebeu uma nova folha sem qualquer punição, enquanto Edmilson foi obrigado a reaproveitar um material descartado, mas também o impacto emocional que essa experiência provocou. A situação despertou um profundo sentimento de humilhação e desamparo, afetando diretamente sua autoestima e seu bem-estar.

Edmilson descreveu ainda sua reação após o ocorrido:

“Fiquei em choque, não tive reação. Meu amigo me levou ao banheiro. Lembro que, quando cheguei em casa, chorava desesperado e acordava de madrugada, tipo meia-noite, chorando porque eu não queria ir para a escola. Não consegui contar para ninguém. Somente depois de três semanas falei para minha mãe e, de fato, não voltei mais à escola, chegando a perder o ano escolar.”

Esse episódio revela como a humilhação e o sentimento de vergonha podem paralisar uma criança, dificultando sua capacidade de reagir e buscar ajuda. O trauma provocado pela experiência não apenas abalou sua rotina escolar, mas também gerou um bloqueio emocional que o afastou do ambiente educacional por um período significativo.

Do ponto de vista da psicologia analítica, a vivência descrita por Edmilson pode ser interpretada como um exemplo do efeito de complexos inconscientes ativados por situações de humilhação e exclusão. Segundo Jung (2014a), experiências desse tipo podem gerar “feridas psíquicas” que permanecem latentes até serem integradas pela consciência, e essa integração é fundamental para que o indivíduo consiga ressignificar o sofrimento e seguir em seu processo de individuação.

O grupo temático **“Experiências de Racismo e Discriminação Cotidiana”** explorou o impacto psíquico das situações de preconceito e exclusão enfrentadas

pelos participantes ao longo da vida. O relato de Douglas ilustra como a discriminação e a segregação podem se manifestar até mesmo em interações aparentemente simples, como a escolha de amigos no ambiente escolar.

Douglas compartilhou:

“Na minha turma, tinha eu e mais uma pessoa negra, sendo que essa pessoa era bolsista. Meus amigos brancos não entendiam quando eu conversava com esse colega negro. Era como se eu fosse totalmente diferente deles, e eu acho que esse aspecto de dois negros se juntando fez com que, naquele momento, a escola visse diferente a minha situação.”

O relato evidencia como o ato de se relacionar com outro colega negro foi interpretado pelos colegas brancos como uma espécie de “separação” ou formação de um grupo distinto. Essa percepção reforça uma dinâmica de exclusão que não apenas reforça o isolamento, mas também intensifica a sensação de não pertencimento.

Douglas reconheceu que, ao conversar com o colega negro, percebeu uma diminuição na proximidade com outros colegas e amigos brancos. Essa experiência reflete um comportamento que, muitas vezes, é inconsciente, mas que carrega fortes marcas de preconceito, reforçando a ideia de que pessoas negras, ao se relacionarem entre si, são vistas como diferentes ou alheias ao grupo majoritário.

Do ponto de vista da psicologia analítica, essa dinâmica pode ser interpretada como uma manifestação do **Inconsciente Coletivo**, em que arquétipos de exclusão e pertencimento se repetem em diferentes contextos sociais. Segundo Jung (2014c), a tendência de projetar no outro os aspectos que não se deseja reconhecer em si mesmo pode levar à rejeição e ao afastamento. Nesse caso, os colegas de Douglas podem ter projetado seus próprios desconfortos e preconceitos, criando uma barreira invisível que separa e classifica com base em estereótipos raciais.

Esse tipo de experiência não apenas reforça a segregação, mas também impõe ao indivíduo negro um dilema constante: ser fiel às suas conexões com outros negros ou buscar a aceitação de grupos brancos, muitas vezes à custa de sua identidade.

Os Complexos Culturais, conforme Kimbles (2006), atuaram como núcleos emocionais que perpetuaram sentimentos de rejeição e inferioridade, especialmente em contextos de discriminação explícita ou velada. Essas vivências ativaram memórias e afetos reprimidos, aprofundando o sofrimento psíquico. Entretanto, o processo de individuação, conforme Jung (2013e), emergiu como um movimento de

enfrentamento e integração dessas experiências, permitindo que dores pessoais fossem ressignificadas em crescimento e autocompreensão sobre a própria negritude.

As experiências relatadas pelos participantes incluem o tema “**Discriminação em Espaços Públicos e Cotidiano**”, evidenciando situações de exclusão vividas em momentos de lazer, trabalho e interações cotidianas, muitas vezes marcadas por olhares de desconfiança ou abordagens policiais desrespeitosas. O depoimento de Luan ilustra claramente essa realidade:

“Eu fui parado dentro de um táxi. Estava tendo uma blitz e estavam parando todo mundo numa determinada rua. Só que ficou claro para mim e para o taxista a situação: em vez de sentar atrás do banco do passageiro, eu sentei no meio, e o policial viu isso e nos parou. Ele fez perguntas para o taxista e depois para mim, perguntou se eu tinha passagem [pela polícia], olhou nossos documentos e, depois de receber um chamado, jogou os documentos no banco e mandou a gente ir. Mas eles nem tiraram os óculos escuros para falar com a gente. (...) Eu aprendi a responder ao policial, mas às vezes fica aquela resposta entalada na garganta.”

Esses relatos destacam o impacto psicológico e emocional dessas abordagens, que reforçam a percepção de desconfiança e inferiorização. Os participantes descreveram como essas experiências despertaram sentimentos de exclusão e os levaram a refletir sobre o tratamento desigual que recebem em diversos espaços sociais, demonstrando as cicatrizes emocionais deixadas por situações de discriminação.

Além disso, o tema “**Racismo Direto e Memórias de Preconceito**” abordou episódios explícitos de racismo e seus impactos emocionais. Um exemplo marcante é o relato de Alex, que, aos 14 anos, enfrentou uma situação de preconceito relacionado ao aspecto cognitivo quando uma colega branca demonstrou espanto com seu desempenho acadêmico:

“Eu tinha quase gabaritado a prova de matemática, e uma colega branca chegou a questionar isso dizendo: 'Como pode o Alex ter tirado uma nota melhor do que a minha? Isso está errado.' Nesse momento, eu respondi: 'Eu tirei uma nota melhor porque me esforcei, me dediquei e estudei para isso.’”

Esse episódio revela o imaginário social de que pessoas negras não teriam a mesma capacidade intelectual que as brancas, refletindo um preconceito profundamente enraizado no inconsciente cultural desde o período colonial. A ideia de que o mérito intelectual seria um atributo exclusivo de grupos privilegiados evidencia

o peso das narrativas históricas que ainda hoje questionam as conquistas acadêmicas de homens e mulheres negras.

Para Alex, a estratégia de enfrentamento incluiu o incentivo familiar constante. Ele recorda a frase de sua mãe: *“Eu quero que vocês (Alex e seus irmãos) não precisem trabalhar, vocês têm que estudar, se dedicar ao estudo.”*. Esse incentivo familiar foi fundamental para ressignificar suas experiências e manter o foco em sua trajetória educacional, reforçando sua confiança e ampliando suas possibilidades de ascensão social.

Os participantes destacaram a relevância de espaços de acolhimento e apoio, onde podem compartilhar suas vivências e fortalecer a construção de uma narrativa de pertencimento e valorização da identidade racial. Tais espaços promovem um senso de pertencimento coletivo e funcionam como estratégias essenciais para enfrentar os impactos do racismo direto e fortalecer a autoestima diante dos desafios impostos pela discriminação.

O grupo **“Conscientização e Vivência da Negritude”** abordou as experiências dos participantes em contextos em que se percebiam como minorias tanto psicológicas quanto demográficas. Ambientes institucionais, como universidades, empresas e espaços sociais, frequentemente carregavam símbolos e narrativas que favoreciam a branquitude e marginalizavam a negritude, criando dinâmicas de exclusão veladas.

O relato de Davi ilustra o impacto dessa realidade ao descrever sua experiência em um curso no qual a maioria dos participantes era branca:

“Primeiro o estranhamento, pois a maioria das pessoas são brancas. Segundo o estranhamento porque, na visão acadêmica, parecia que eu não deveria estar ali. Não tinha ninguém que me impedia de falar, porém, quando os brancos estão em maioria dentro de um lugar, eles têm uma forma de agir com você que lhe faz saber exatamente que você é minoria. Eles conseguem, de forma organizada, demonstrar que você é um corpo preto ali, que está sendo um alvo. Porém, no momento em que abro a boca e mostro que tenho como colaborar com a discussão ou problema que foi apresentado, eu ganho respeito.”

Nessa narrativa, o Inconsciente Cultural, conforme descrito por Henderson (1990), manifestou-se nas normas implícitas e demandas sociais que moldaram as percepções de pertencimento. O ambiente acadêmico, ainda impregnado por valores que historicamente excluíram pessoas negras, gera uma tensão psicológica que

reforça o senso de alteridade. Davi aponta a existência de microagressões sutis, que reforçam sua posição de “outro”, antes mesmo de sua capacidade ser validada.

O Processo de Individuação foi essencial para que ele ressignificasse sua experiência ao enfrentar essas projeções sociais negativas e integrar aspectos da sua identidade racial. Ao afirmar suas capacidades e ocupar ativamente o espaço de fala, Davi transformou um ambiente inicialmente hostil em um espaço de afirmação e reconhecimento. Essas vivências, ainda que desafiadoras, foram formativas e contribuíram para reflexões mais amplas sobre pertencimento e representatividade na sociedade contemporânea.

O tema **“Reflexões sobre Negritude em Ambientes de Maioria Branca”** investigou como os participantes lidavam com a experiência de ser minoria em espaços predominantemente brancos, explorando sentimentos de pertencimento ou exclusão e as estratégias adotadas para navegar nesses ambientes.

Davi relata a importância de reconhecer o espaço e adotar uma postura que comunique segurança e pertencimento. Ao descrever sua experiência em um restaurante francês, ele compartilha:

“Primeiro ponto é não se assustar e reconhecer que o meu corpo tá ali, e que não sou alguém desletrado andando por aí, sabe? Então eu sei como me posicionar, até mesmo corporalmente, para falar: eu vou entrar, estou entrando. Fiz esse exercício de entrar no restaurante, passar pela recepção e pelo garçom que logo vem atrás para saber o que quero. Eu desci do carro, disse: 'Boa tarde/noite, minha namorada está naquela mesa', e já entrei apontando para ela. Pronto, sem muita conversa, seja direto.”

Davi destaca a vigilância constante sobre o corpo negro em espaços elitizados, onde ele é imediatamente percebido e, muitas vezes, julgado. Essa percepção exige uma postura assertiva, que demonstre que ele sabe onde está e que seu lugar é legítimo. O Inconsciente Cultural se manifesta nas expectativas implícitas e nos comportamentos sutis que sinalizam exclusão, exigindo do indivíduo negro a reafirmação contínua de seu pertencimento.

Por outro lado, o relato de Lopes revela uma experiência de exclusão mais direta. Ao tentar entrar em uma balada com um amigo, foi impedido pelo segurança sob a justificativa de que estavam usando chinelos. No entanto, ao verificar vídeos nas redes sociais, ele percebeu que várias pessoas brancas entraram no mesmo local calçando chinelos semelhantes. Lopes expressa sua indignação:

“Eu me senti injustiçado e decidi nunca mais ir a esse lugar, mesmo após o estabelecimento tentar se justificar.”

Esse episódio evidencia que, mesmo com condições financeiras e vestimentas semelhantes às das demais pessoas, o corpo negro é alvo de discriminação explícita. Enquanto Davi busca estratégias para se afirmar e ocupar espaços, Lopes reconhece que há locais que, independentemente de sua postura, continuam negando a presença de homens negros.

Esses relatos mostram diferentes formas de enfrentamento. Em alguns casos, é possível ressignificar o espaço por meio de atitudes seguras e conscientes; em outros, a rejeição e a discriminação escancaram a permanência de barreiras sociais que ainda relegam o homem negro ao não pertencimento. Assim, os participantes destacam que, para lidar com esses desafios, é preciso tanto adotar estratégias individuais de autoavaliação quanto reconhecer e denunciar os limites impostos pelo racismo estrutural presente em ambientes de maioria branca.

Já o tema **“Significado da Negritude e Processo de Conscientização”** aprofundou o entendimento sobre o significado de ser um homem negro, destacando as primeiras experiências que levaram à conscientização da negritude e explorando como essas vivências contribuíram para a construção de uma identidade racial mais consciente e afirmativa.

Essa abordagem integrada possibilitou uma análise abrangente das vivências relatadas, conectando-as aos conceitos da psicologia junguiana e respeitando a complexidade dos fenômenos psíquicos envolvidos, bem como suas interações com as dinâmicas sociais.

7 DISCUSSÃO

Esta pesquisa buscou compreender o processo de conscientização da negritude em homens negros de classe média na cidade de São Paulo. A proposta surgiu a partir das vivências e questionamentos do próprio autor, que percebeu que essas experiências não eram isoladas, mas compartilhadas por outros homens negros atravessados pelos complexos culturais relacionados ao racismo. Esses complexos influenciam de maneira significativa a construção da identidade e reforçam a necessidade de um olhar mais atento sobre essas trajetórias.

Os relatos dos entrevistados evidenciaram dois aspectos principais: o impacto das vivências de infância na formação da autoestima e identidade racial e as estratégias adotadas para enfrentar situações de preconceito, afirmando seu direito de ocupar diferentes espaços.

Com base nos dados obtidos, esta seção discute os principais conteúdos encontrados, relacionando-os com os objetivos do estudo e com o referencial teórico. Ressalta-se que as reflexões apresentadas não são definitivas, mas indicam um caminho interpretativo, ciente de que outros recortes podem trazer novas contribuições ao debate.

O capítulo foi estruturado em sete subtópicos, visando relacionar as análises com os objetivos da pesquisa de forma clara e integrada.

7.1 Contexto Familiar e Educação Racial

O contexto familiar exerce um papel central na formação da identidade racial e no desenvolvimento da autoestima das crianças negras. As primeiras experiências com os pais, permeadas por carinho e orientação, ajudam a estabelecer um senso de pertencimento e segurança diante das adversidades. O modo como os pais apresentam o mundo é absorvido sensorialmente e forma as bases da percepção da criança sobre si mesma e sobre seu lugar na sociedade.

7.1.1 Construção da Identidade Racial na Infância

A análise das entrevistas mostrou que, em muitas famílias, o diálogo sobre questões raciais estava presente desde cedo, preparando as crianças para os desafios que poderiam enfrentar. Esse preparo proporcionou uma maior consciência das adversidades, embora não eliminasse o sofrimento emocional decorrente das situações discriminatórias vividas na infância. Em várias famílias, também foi

identificado um forte incentivo aos estudos, motivado pelo desejo dos pais de oferecer aos filhos oportunidades que eles próprios não tiveram, como a conclusão do ensino médio ou o ingresso na faculdade.

Contudo, nem todos os relatos seguiram essa narrativa de apoio e conscientização. No caso de Gean, a mãe tentou ocultar sua negritude, levando-o a ser identificado socialmente como branco. Segundo Jung (2013a), durante a infância, o ego ainda está em formação e a relação entre “eu e o outro” não está completamente definida. Nesse contexto, as reações emocionais dos pais, mesmo quando não verbalizadas, influenciam profundamente o desenvolvimento psíquico da criança, podendo gerar inseguranças e lacunas na compreensão dela sobre si mesma.

Gean relatou dificuldades em entender certas situações discriminatórias, como a abordagem policial que sofreu aos 10 anos: *“Perguntaram se eu tinha ‘passagem’. Respondi que tinha 10 anos, e o policial disse: ‘Não perguntei sua idade, perguntei se você tem passagem’.”* Gean também ouviu comentários depreciativos sobre suas roupas, vistas como “de trabalhador comum”, o que contribuiu para que ele se sentisse inadequado e desconectado de sua identidade racial. A ausência de diálogos sobre negritude na infância comprometeu sua autoestima e o entendimento do porquê era alvo de interações discriminatórias.

Jung (2016) reforça que o ambiente familiar e social é determinante não apenas na formação de neuroses, mas também no “destino de vida” de cada indivíduo. O caso de Gean ilustra como o silêncio e a negação da identidade racial podem deixar marcas profundas na psique.

A análise também considerou aspectos culturais coletivos, como os arquétipos paterno e materno. Byington (1987) descreve o arquétipo paterno como uma figura de autoridade responsável por estabelecer limites e promover a ordem, sendo fundamental para a formação do ego e para a construção de princípios morais. No Brasil, esse arquétipo apresenta características específicas, resultantes da fusão das culturas africana, portuguesa e indígena, criando formas de relacionamento marcadas pela afetividade e criatividade.

Segundo Faria e Pedroso (2019), essa mistura cultural gerou adaptações que se manifestam no arquétipo do *trickster* ou “malandro”, símbolo ambivalente que representa tanto a capacidade de adaptação quanto o risco de comportamentos destrutivos. A figura do “malandro” reflete as estratégias de resistência e sobrevivência adotadas em um contexto de adversidades históricas, mas também traz à tona

dilemas internos que podem dificultar a construção de uma identidade segura e autônoma.

7.1.2 Instruções de Cuidado e Socialização Racial

A relação entre o local de moradia e o pertencimento social foi apontada como um fator que reforça estereótipos que associam negritude à pobreza. Douglas narra um episódio marcante durante um jantar com a família de um amigo branco: *“Alguém perguntou se era assim mesmo na comunidade. Eu parei e perguntei: ‘Por que você acha que eu saberia?’”*.

Essas experiências dolorosas, entretanto, também impulsionaram um processo de conscientização e fortalecimento identitário. Gean conta que, ao ouvir músicas de protesto de grupos como Racionais MC’s, passou a refletir sobre seu papel social: *“Foi nesse momento que percebi que precisava assumir meu lugar e reivindicar meus direitos.”*. Douglas menciona como as redes sociais contribuíram para sua conscientização: *“Fui aprendendo e me identificando com as vivências compartilhadas por outros jovens negros.”*.

O processo de aceitação da negritude também se reflete na maneira como os participantes passaram a se enxergar com mais orgulho. Alex descreve sua transformação pessoal: *“Por que vou alisar meu cabelo se tenho um cabelo lindo? Por que ter vergonha da minha cor? As pessoas precisam me aceitar pelo que eu sou.”*. A conscientização de que o esforço para superar preconceitos é constante aparece na fala de Edmilson: *“Preciso me esforçar mais para não estar naquela situação.”*. Lopes complementa: *“Eu estudava tanto que os professores começaram a me tratar como igual.”*.

Essas falas mostram que o reconhecimento e a aceitação da identidade negra não acontecem de maneira automática, mas são resultados de um processo que envolve o enfrentamento de estigmas e a resignificação de vivências.

7.2 Vivências Escolares e Infância Social

Esta seção buscou compreender como era o ciclo social das crianças negras, com ênfase nas vivências escolares — um dos primeiros ambientes aos quais elas são expostas sem a presença direta dos pais. O objetivo foi analisar as interações com amigos e professores, investigando como os participantes lidaram com situações

que hoje são reconhecidas como episódios de conflito racial e quais emoções essas experiências despertaram.

7.2.1 Relações Raciais e Sentimento de Pertencimento

Este momento representou a transição da adolescência para a vida adulta, marcada pelo reconhecimento de si como homem negro e pela compreensão do significado dessa identidade. O desenvolvimento da consciência racial foi descrito pelos participantes como o processo de reconhecer e diferenciar seus próprios desejos, ambições e sonhos daqueles que lhes eram atribuídos pelos outros. Mesmo que as experiências marcantes da infância já tivessem deixado suas impressões, foi na adolescência que os entrevistados passaram a se reconhecer plenamente como negros e a nomear essa identidade.

Entre os relatos, destacam-se situações que ilustram esse processo:

“Comecei a ouvir o rapper Froid, Racionais... eles são pardos que reivindicam questões de negritude. Foi nesse momento que comecei a olhar e falar: 'Tá, então eu realmente tenho um lugar aqui'. A diferença de tratamento já existia, mas não a reivindicação. Quanto mais eu entrava no rap, mais eu entendia o meu lugar.” (Gean, 12 anos)

A experiência de Luan reforça a ideia de que a percepção de exclusão não precisava ser verbalizada para ser sentida: *“Na escola particular, eu era o único garoto negro. Os outros negros eram funcionários. Isso chamava atenção. À medida que fui crescendo, comecei a entender como funcionava a disparidade. Não era algo dito, mas vivido.”* (Luan, 16/17 anos).

Outro elemento recorrente foi a relação com a estética do cabelo crespo, símbolo de identidade e resistência, mas também alvo de preconceito. Segundo Gomes e Duque-Arazola (2022), o cabelo crespo representa um elemento fundamental da identidade negra, mesmo sendo frequentemente associado a discursos racistas que reforçam a valorização do cabelo liso como padrão de beleza. Muitos entrevistados relataram sentimentos de vergonha durante a adolescência.

“Por que vou alisar o cabelo se tenho um cabelo lindo? Por que ter vergonha da minha cor e da minha classe? As pessoas têm que me aceitar pelo que eu sou: o Alex. Não porque estou bem-vestido, se tenho dinheiro ou se sou branco. Não. Eu falei para mim mesmo: não vou admitir que me diminuam ou tentem me humilhar.” (Alex, 19/20 anos)

Esses relatos evidenciam que, embora o cabelo crespo carregue um significado de identidade e autenticidade, o processo de aceitação e valorização desse elemento pessoal foi gradual e vinculado ao amadurecimento e ao fortalecimento da autoestima.

A adolescência também foi descrita como um período marcado por episódios de racismo direto, que reforçavam a percepção de exclusão e desigualdade. Edmilson relembra: *“A diretora da escola, ao resolver uma discussão, me disse: ‘Você, que é negro, não deveria se portar dessa forma, porque você sempre será julgado pela sociedade’. Eu me indaguei e respondi: ‘Não sou negro, meu colega que é’. E ela retrucou: ‘Você é negro, olhe para a sua cor, você é claro, mas é negro’. Concordei com ela naquele momento.”* (Edmilson, 14/15 anos).

Além disso, muitos participantes relataram situações em que eram considerados culpados em conflitos, mesmo sem envolvimento direto. Gean descreve: *“Fui percebendo que, sempre que havia alguma confusão na escola, sobrava para mim e mais dois amigos, os três mais escuros e pobres da sala. A partir daí, comecei a perceber que algo não estava certo.”* (Gean, 14 anos).

Segundo Kilomba (2019), o mecanismo de projeção é uma estratégia que desloca características indesejadas para um “outro”, geralmente pertencente a um grupo historicamente marginalizado. O homem branco, ao projetar suas falhas e medos no homem negro, reforça estereótipos que o mantêm em uma posição de superioridade, perpetuando a narrativa de que o negro é culpado ou perigoso.

As vivências de exclusão também impulsionaram um processo de conscientização e resistência. Muitos participantes relataram que passaram a se posicionar de forma mais crítica e assertiva em relação à sua identidade racial e ao ambiente em que estavam inseridos. Gean comenta que as músicas de protesto, como as de Racionais MC’s, desempenharam um papel importante nesse processo: *“Foi nesse momento que percebi que precisava assumir meu lugar e reivindicar meus direitos.”* (Gean, 12 anos). Douglas compartilha que as redes sociais foram uma ferramenta relevante em seu processo de conscientização: *“Fui aprendendo e me identificando com as vivências compartilhadas por outros jovens negros.”*

A construção de uma identidade fortalecida se reflete em falas que evidenciam um movimento de autoaceitação. Alex sintetiza esse processo: *“As pessoas precisam me aceitar pelo que eu sou: o Alex. Não importa se estou bem-vestido ou se tenho dinheiro. Não importa a cor. Eu me aceitei.”*

Conforme Jacoby (2010), a autorrepresentação — imagem interna que o indivíduo tem de si, influenciada pelas relações passadas — é fundamental para a autoestima e pode ser evocada em momentos de reflexão, funcionando como um “espelho psíquico” das experiências anteriores. Assim, a forma como o adolescente internaliza suas experiências influencia diretamente seu senso de valor e pertencimento.

Os relatos demonstram que a adolescência foi um período de intensa conscientização e transformação. Os jovens entrevistados relataram experiências de exclusão, mas também de resistência, destacando a música, o ambiente escolar e as relações sociais como fatores que influenciaram diretamente a construção de suas identidades raciais. Embora muitos episódios tenham gerado sentimentos de vergonha e inadequação, também funcionaram como pontos de partida para reflexões e ressignificações, permitindo que os entrevistados reafirmassem suas histórias e se apropriassem de sua identidade como homens negros com mais segurança e orgulho.

7.2.2 Tratamento em Ambientes Escolares e Acadêmicos

A análise revelou que, na fase inicial da infância, as relações em ambientes escolares eram descritas como amistosas, com pouca percepção de discriminação étnica. Muitos entrevistados relataram uma convivência marcada pela espontaneidade e pelo companheirismo. Alex afirma: *“(...) meus amigos nunca tiveram discriminação comigo por eu ser negro, pelo menos os mais próximos. A gente, criança, fazia coisas de criança, queríamos nos divertir e tínhamos um carinho um pelo outro.”*. Luan compartilha uma experiência semelhante: *“(...) tinha apelidos como 'chocolate', mas dava para perceber que era coisa de criança, sem malícia. Era mais uma comparação, mas não era nada segregador. Era como dizer: 'é minha cor, somos diferentes', pelo menos é o que me lembro.”*.

Porém, esse cenário de leveza começou a se modificar com o avanço da idade, especialmente por volta dos 7 ou 8 anos. As interações que antes pareciam inocentes passaram a ser permeadas por situações de confronto e hostilidade, nas quais a cor da pele se tornava alvo de ofensas. Douglas relata: *“(...) na infância, eu não sentia nenhuma diferença na forma como me tratavam na escola. Somente no ensino médio, quando fui para uma escola maior, que senti.”*. Lopes comenta como, durante discussões na escola, surgiam ofensas raciais: *“(...) quando você é criança na escola, tem muita briga. Então, no momento de briga, sempre teve 'ah, macaco, neguinho'.*

Mas eu nunca levei isso a mal quando era uma brincadeira, quando estávamos todos sentados e alguém falava: 'e aí, pretinho/neguinho/macaquinho'.”.

Outro ponto destacado pelos participantes foi a vivência de situações de racismo explícito ainda na infância, mas que só foram plenamente compreendidas e ressignificadas na vida adulta. Douglas relembra um episódio marcante: *“(...) uma criança do meu prédio queria brincar comigo, mas o pai dela a retirou de perto de mim, como se eu fosse atrapalhar a formação dela. Foi a primeira vez que percebi o racismo, já com 6 ou 7 anos.”.*

Davi compartilha a dor de ser constantemente excluído durante as atividades escolares: *“(...) eu me lembro completamente porque dor é dor, e sempre marca. Então, a dor sempre produz memória com mais facilidade do que a alegria. (...) quando contavam as histórias de escravidão nas aulas de história, havia algo pejorativo. As crianças percebiam isso rápido. Então, eu era sempre o último nas brincadeiras, na fila da merenda, o que se sentava sozinho”.*

As experiências discriminatórias não se limitaram ao ambiente escolar. Muitos entrevistados relataram episódios de racismo em espaços públicos. Gean relata: *“(...) fui abordado muito cedo, tinha 10 anos, e me perguntaram se eu tinha ‘passagem’. Respondi: ‘tenho 10 anos’. E o policial disse: ‘Não perguntei sua idade, perguntei se você tem passagem’.”.* Este relato evidencia como, desde cedo, crianças negras são vistas com desconfiança, o que impacta diretamente sua visão sobre o mundo e sobre si mesmas. Gean reflete: *“Esse momento meio que me moldou e me fez perceber que talvez eles me olhassem de maneira diferente, sabe?”.*

Apesar das experiências dolorosas, muitos participantes relataram que o apoio familiar foi fundamental para que não se deixassem paralisar pelos complexos de inferioridade. O suporte das figuras familiares funcionou como uma rede de proteção, permitindo que os entrevistados elaborassem os sentimentos de exclusão e buscassem reivindicar seu lugar nos espaços sociais.

Conforme Jung (2013a), as experiências emocionais vividas durante a infância desempenham um papel essencial na formação do ego e influenciam diretamente o senso de pertencimento ao mundo. Em vez de sucumbirem às humilhações vividas, muitos participantes encontraram na força coletiva da família um caminho para a ressignificação e a reafirmação de sua identidade.

7.3 Experiências de Racismo e Discriminação Cotidiana

O período da adolescência e o início da vida adulta marcam uma fase de transição na qual os participantes da pesquisa reconhecem situações de racismo e discriminação e começam a expor seus sentimentos e estratégias de enfrentamento. Nesse processo, eles passam a tomar consciência das experiências vividas e a ressignificá-las, fortalecendo a construção de suas identidades como homens negros. Com base nos relatos, foi possível identificar diferentes temas que retratam essas vivências e suas implicações.

7.3.1 Discriminação em Espaços Públicos e Cotidiano

O tema do cabelo crespo é um dos elementos centrais que refletem as imposições de um padrão estético que desvaloriza as características naturais da população negra. Para muitos entrevistados, o cabelo crespo, ainda que carregue uma identidade própria, é associado a sentimentos de vergonha e inadequação, especialmente durante a adolescência. Douglas relembra: *“Eu descia com touca por ter vergonha do meu cabelo crespo e sofria com isso, era alvo de bullying.”*. Luan compartilha que, por falta de produtos capilares específicos, decidiu mudar o corte de cabelo: *“Deixei meu cabelo crescer até o meio das costas, mas, como não havia produtos adequados, acabei cortando e deixando um topete.”*. Já Gean relata que chegou a alisar o cabelo na tentativa de ser aceito em grupos sociais: *“Eu queria frequentar lugares melhores e ser tratado de forma diferente. Com isso, até me vestia melhor para não ser visto como um trombadinha.”*.

Esses relatos mostram como a estética e a aparência podem funcionar como marcadores de pertencimento ou exclusão em espaços públicos, influenciando diretamente a autoestima e as interações sociais dos jovens negros. Nesse contexto, não ter o “cabelo ideal” se torna sinônimo de estigma e invisibilização.

Outro ponto recorrente é a desconfiança e inferiorização em ambientes educacionais e públicos. Alex, por exemplo, recorda um episódio em que, após tirar uma boa nota em uma prova, uma colega branca expressou indignação: *“Como pode o Alex tirar uma nota melhor do que eu?”*. Em outro caso, Lopes foi desestimulado por um professor após fazer uma brincadeira: *“Ele disse que eu não tinha capacidade de me formar em engenharia. Essa fala, em vez de me derrubar, me motivou ainda mais a concluir o curso.”*. Esses exemplos evidenciam a descrença e os questionamentos

enfrentados pelos entrevistados ao alcançarem conquistas, como se essas vitórias não lhes pertencessem.

Além disso, há situações em que os entrevistados são automaticamente vistos como causadores de problemas. Gean relata que, em sua escola, ele e seus dois amigos negros eram sempre responsabilizados por brigas: *“Sempre que tinha alguma confusão, sobrava para mim e mais dois colegas. Éramos os mais escuros e os mais pobres da sala.”*.

7.3.2 Racismo Direto e Memórias de Preconceito

A inferioridade imposta pela pobreza e pela raça também é uma constante nos relatos. Alex lembra que, durante as brincadeiras, era sempre um dos últimos a ser escolhido pelos colegas: *“Os primeiros a serem escolhidos eram sempre os mais bonitos ou inteligentes. Eu sempre era o último.”*. Edmilson relata o impacto de sua condição socioeconômica em suas relações: *“A gente se sente incompleto e incapaz porque somos pobres e não temos as mesmas condições que outras pessoas.”*.

O estereótipo do “negro perigoso” também aparece de forma significativa nas falas dos entrevistados. Alex relata que, ao entrar em um mercado, sentia-se constantemente observado pelos seguranças: *“Eles ficavam de olho em mim, como se eu fosse fazer algo errado.”*. Douglas narra um episódio marcante em que foi parado pela polícia enquanto seu amigo branco foi liberado: *“O policial mandou meu amigo seguir e me parou. Foi preciso ele explicar que morávamos no mesmo condomínio para me soltarem.”*. Gean compartilha uma situação em que o porteiro do prédio onde morava o deixou na chuva por acreditar que ele não tinha “cara de morador”: *“Meu pai questionou o porteiro, e ele disse que eu poderia ser um ladrão.”*.

7.4 Conscientização e Vivência da Negritude

Este tópico aborda as reflexões e experiências dos entrevistados relacionadas à vivência da negritude em espaços majoritariamente brancos e à maneira como lidam com as situações de racismo e preconceito nesses ambientes. O relato dos participantes evidencia tanto as dificuldades quanto as estratégias de superação adotadas durante o processo de conscientização e afirmação identitária.

7.4.1 Reflexões sobre Negritude em Ambientes de Maioria Branca

A presença de homens negros em espaços de prestígio e ascensão social é, muitas vezes, percebida como algo desafiador e inesperado, tanto para quem ocupa esses lugares quanto para os que observam sua presença. Davi descreve essa sensação: *“Eu custei a entender que eu era um corpo negro que fazia parte de uma segregação de homens pretos que poderia parar de trabalhar umas 14/15 horas e ir ao centro tomar uma cerveja.”*. Ele relata como o pertencimento a um grupo social ascendente, composto por poucos negros, muitas vezes gera um sentimento de distanciamento entre eles: *“Estou em contato com pessoas negras que estão em lugares de ascensão em um grupo pequeno de pessoas pretas, mas que não se conversam.”*.

Por outro lado, os participantes destacam o orgulho de suas trajetórias e a satisfação de poder frequentar espaços antes inacessíveis. Lopes ressalta: *“Eu me orgulho de ter vivido os dois lados: de não passar necessidade, mas desafios, e hoje poder ir nos melhores lugares. Eu me orgulho de ter passado por isso e dar mais valor ao que tenho hoje.”*. Edmilson também reflete sobre sua jornada: *“Hoje, estou bem sendo um homem negro dentro do status social que tenho. Mas sei que lutei muito para sair da casa de taipa e morar em um apartamento numa região boa. Tive que engolir muitos sapos, mas hoje não me permito mais isso. Eu perdi o medo e a vergonha de ser diferente.”*.

Para muitos, a ascensão social não elimina a sensação de desconforto. Luan relata: *“Cresci em um ambiente tão branco que foi difícil entender o que significava ser negro. Eu era o primeiro da minha família a ter acesso a esses espaços. Ao perceber essa discrepância, comecei a voltar-me para mim mesmo, acho que pela primeira vez.”*.

As experiências de racismo relatadas pelos participantes deixaram marcas profundas, influenciando diretamente a autoestima e a construção de suas identidades raciais. Segundo Araujo, Moura e Dantas (2021), a internalização de experiências discriminatórias pode levar a uma identificação negativa com a própria cor e a sentimentos de inferioridade. Isso pode gerar insegurança e impedir que a criança se reconheça positivamente em sua etnia.

Jacoby (2010) descreve esse fenômeno como uma “perturbação na autoestima” ou “vulnerabilidade narcísica”, que se manifesta na forma de sentimentos de vergonha e ansiedade. O autor explica: “[...] envolve a questão difícil de quanto

valor eu estou consciente ou inconscientemente atribuindo a mim mesmo: como eu avalio a pessoa que sou”. A narrativa de Edmilson ilustra como uma experiência de racismo pode desencadear um processo de insegurança e autoconsciência dolorosa, minando o senso de valor pessoal: *“Hoje identifico que a professora teve uma ação racista quando eu tinha 7 anos. Enquanto eu procurava a folha amassada, ela cuspiu na minha mão.”*.

Essas situações frequentemente resultam na sensação de que suas palavras ou ações não têm valor ou podem ser usadas contra eles, o que pode levar à construção de barreiras emocionais. De acordo com Jacoby (2010), essa ansiedade pode ser tão aflitiva que reforça o isolamento emocional e prejudica a autoestima.

7.4.2 Significado da Negritude e Processo de Conscientização

A vivência em ambientes elitizados e predominantemente brancos evidencia o contraste de papéis ocupados por pessoas negras nesses espaços. Davi comenta: *“Eu já fui a um restaurante francês predominantemente branco, mas não estou nem aí. Eu sei quem eu sou. Quando entro, sei me posicionar corporalmente e digo: ‘Minha namorada está naquela mesa me esperando’.”*. Entretanto, ele também observa que *“são poucas as pessoas negras sentadas às mesas; a maioria está trabalhando como garçom. Tento tratá-los bem e mostrar que também podemos ocupar esses lugares.”*.

Mesmo com o reconhecimento social e a estabilidade econômica, alguns entrevistados relatam que precisam tomar precauções para evitar situações de racismo e abuso de autoridade. Lopes compartilha uma experiência: *“Eu já cheguei a andar com o contrato social da minha empresa no porta-luvas para, caso fosse parado em uma blitz com uma Mercedes, mostrar minha fonte de renda e provar que o carro não era roubado.”*. Essa necessidade de comprovar seu direito de propriedade reforça a ideia de que, mesmo em uma posição de privilégio, o negro ainda é visto com suspeita.

Outros relatos enfatizam como o enfrentamento do racismo se dá pela construção de barreiras emocionais para evitar conflitos e preservar a saúde mental. Edmilson conta: *“Eu passei a criar barreiras sociais, no sentido de não ficar sempre olhando ao meu redor e me focar no que me interessa. Se eu ficasse buscando o racismo em tudo, não frequentaria mais muitos lugares.”*.

Essa estratégia de focar no próprio bem-estar é uma forma de resistência e reafirmação da dignidade. Lopes reforça esse sentimento de valorização pessoal: *“Eu*

me orgulho de ter passado por desafios e hoje poder ir aos melhores lugares. Dou mais valor ao que conquistei.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender o processo de conscientização de homens negros de classe média em São Paulo, considerando os aspectos emocionais e subjetivos envolvidos e a forma como eles vivenciam e enfrentam situações de discriminação racial. As entrevistas mostraram que essa conscientização começa na infância, atravessa a adolescência e se fortalece na vida adulta, com reflexões profundas sobre identidade e pertencimento.

Desde cedo, experiências de racismo podem gerar angústias e comprometer a autoestima, desencadeando retraimento social e sentimento de culpa e vergonha, além de contribuir para traumas psicológicos. Muitos participantes relataram se sentir deslocados ou buscando formas de se encaixar, às vezes adotando padrões estéticos e comportamentais brancos como tentativa de aceitação. Mesmo com privilégios individuais, como boa educação e estabilidade financeira, a pressão dos estereótipos e das expectativas sociais permanece, fazendo com que esses homens constantemente reflitam sobre seu lugar na sociedade.

Por outro lado, muitos têm resistido a essas imposições, assumindo uma postura mais afirmativa e reivindicando seu espaço, conscientes de que podem ser julgados novamente. O reconhecimento dos sinais de racismo e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento são aspectos que surgem de forma mais evidente na adolescência. Nesse momento, os jovens negros começam a fortalecer sua autoestima e compreender que podem superar as adversidades impostas pelo racismo.

A pesquisa também mostra que, embora alguns homens negros tenham conquistado mobilidade social, a ressignificação de complexos de inferioridade ainda ocorre, em grande parte, em nível individual, sem necessariamente transformar a percepção coletiva. Para que haja mudanças mais profundas, é necessário um reconhecimento por toda a sociedade de que o racismo é um problema estrutural que precisa ser combatido coletivamente.

Essas reflexões dialogam com Kilomba (2019), que argumenta que a identidade negra foi comprometida ao longo dos séculos pelas projeções impostas pela sociedade branca, levando muitos a buscarem a assimilação como forma de pertencimento. Brewster (2017) reforça essa visão ao afirmar que a sociedade ocidental, baseada em um modelo eurocêntrico, coloca o homem branco em posição de superioridade e relega o homem negro à base da pirâmide social. No Brasil, um

país em que 55,9% da população se autodeclara negra (IBGE, 2022), essa desigualdade se torna ainda mais evidente.

Outro ponto importante é que, para populações negras de classes sociais mais baixas, o processo de conscientização é ainda mais desafiador. Nesses contextos, as barreiras econômicas se somam às discriminações raciais, dificultando o acesso a direitos básicos, como educação, saúde e segurança, essenciais para a construção de uma identidade racial fortalecida.

Como propostas de pesquisas futuras, sugere-se investigar o processo de conscientização racial em homens negros de outras classes sociais, com foco nas populações mais vulneráveis, para compreender como as condições de vida influenciam essa jornada. Além disso, é importante estudar o impacto de políticas públicas de inclusão, como cotas raciais e programas de apoio, na construção da identidade racial e nas trajetórias pessoais e profissionais. Outra possibilidade de pesquisa seria a análise das experiências de discriminação racial em diferentes regiões do Brasil, considerando as variações culturais e históricas. Por fim, estudos longitudinais podem contribuir para acompanhar a evolução da conscientização racial ao longo das fases da vida, evidenciando como diferentes contextos sociais e econômicos moldam essas vivências.

O racismo não é apenas um problema das populações negras, mas uma questão coletiva que precisa ser enfrentada com ações concretas e, principalmente, com empatia e consciência. A construção de uma sociedade mais justa depende do reconhecimento e da valorização da diversidade e da história de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela Maria. **Idéias em Movimento**: a geração 70 na crise do Brasil-Império. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

AMARO, Tainá Valente; MATTOS, Amana Rocha. “Eu quero uma psicóloga preta”: prática clínica, racialização e identificações no contemporâneo. **Tempo Psicanalítico**, v. 54, n. 2, p. 297-325, 2022. Disponível em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/736>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ARAUJO, Danielle Cabral; MOURA, Vanessa Alice de; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3983/2601. Acesso em: 10 jun. 2024.

AUDEBERT, Cédric et al. Negritude e relações raciais: racismo e antirracismos no espaço atlântico. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 7-37, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000200001>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, p. 123-142, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100009>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BOECHAT, Walter. Complexo cultural e brasilidade. In: OLIVEIRA, Humberto (Org.). **Desvelando a Alma Brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018, cap. 4, p. 68-88.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRIGGS, Xavier. “Some of My Best Friends Are...”: Interracial Friendships, Class, and Segregation in America”. **City & Community**, v. 6, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6040.2007.00228.x>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BRUN, Jacques. Essai critique sur la notion de ségrégation et sur son usage en géographie urbaine. In: BRUN, J.; RHEIN, C. **La Ségrégation dans la Ville**. Paris: L'Harmattan, 1994.

BYINGTON, Carlos. **Desenvolvimento da Personalidade Símbolos e Arquétipos**. São Paulo: Ática, 1987.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp/Ed. 34, 2000.

CARIBÉ, Tereza. Caminhos de volta: O retorno consciente às origens. In: OLIVEIRA, Humberto (Org.). **Desvelando a Alma Brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018, cap. 2, p. 28-60.

CASO de racismo contra humorista Eddy Jr.: o que se sabe e o que falta. **G1 - Portal de notícias da Globo**. 19 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/19/caso-de-racismo-com-humorista-eddy-jr-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>. Acesso em: ago. 2024.

CAVALCANTI, Raquel Pires; SOUSA, André Luiz de. “Antônio” e o desvelar de uma negritude: processo de criação coreográfica enquanto propulsor da construção do discurso negro dentro da academia. **Pitágoras** 500, v. 10, n. 1, p. 54-65, 2020. Acesso em: 10 jun. 2024.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAS, Luciano; CANAVÊZ, Fernanda. Racismo e ascensão social do negro na democracia brasileira. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32542>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FALCKE, Danielle; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (Org.). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, Durval Luiz. Aspectos do método junguiano de pesquisa. Uma reflexão. In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna Maria Severina Peters; TOSTA, Rosa Maria (Orgs.). **Pesquisas em Psicologia Clínica: Contexto e Desafios**. São Paulo: EDUC, 2019, p.66-81, edição digital. Disponível em: https://www.pucsp.br/educ/downloads/Pesquisas_em_Psicologia.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

FARIA, Durval Luiz; PEDROSO, Carlos. O *trickster* malandro nas canções de Chico Buarque: um complexo cultural. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 4, São Jose Del-Rei, out./dez. 2019. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/3850/2370. Acesso em: 10 dez. 2024.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, v. 2. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERRAZ, Fabiane Barbosa; SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Tradução das teorias raciais no contexto brasileiro. **Revista Katálýsis**, v. 25, p. 181-190, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e83356>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FRAGOSO, João. **A sociedade perfeita**: as origens da desigualdade social no Brasil. São Paulo: Contexto, 2024.

FREEMAN, Linton C. Segregation in social networks. **Sociological Methods and Research**, v. 6, n. 4, p. 411-429, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004912417800600401>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GEERTZ, Clifford. El impacto del concepto de cultura en el concepto de hombre. In: _____. **La interpretación de las culturas**, p. 43-59, 1989. Disponível em: https://www.academia.edu/download/38162957/El_impacto_del_concepto_de_cultura_en_el_concepto_del_hombre_ensayo_de_Clifford_Geertz.PDF. Acesso em: 27 jun. 2024.

GODINHO, Isabel Cavalcante. Pobreza e desigualdade social no Brasil: um desafio para as Políticas Sociais. In: **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos – Conferência do Desenvolvimento Nacional**. 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area2/area2-artigo31.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

GOMES, Cláudia; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/496/582>. Acesso em: 23 out. 2024.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; CUNHA, Vivane Martins. Uma pandemia viral em contexto de racismo estrutural: desvelando a generificação do genocídio negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242819>. Acesso em: 15 abr. 2024.

GRAZI, Fabiana Lopes Binda. A eterna criança: autoestima e individuação. **Cadernos Junguianos**, Associação Junguiana do Brasil, v. 12, n. 12, set. 2016.

HENDERSON, Joseph. The cultural unconscious. In: _____. **Shadow and self: selected papers in analytical psychology**. Chicago: Chiron, 1990. p. 103-113.

JACKMAN, Mary R.; CRANE, Marie. Some of My Best Friends are Black...: Interracial Friendship and Whites Racial Attitudes. **Public Opinion Quarterly**, v. 50, p. 459-486, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/268998>. Acesso em: 20 abr. 2024.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes, 2017, edição digital.

JACOBY, Mario. **Psicoterapia Junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças**: padrões básicos de intercâmbio emocional. São Paulo: Paulus, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique – O.C. 8/2**. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos – O.C. 16/1**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia – O.C. 16/1**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência – O.C. 16/2**. Petrópolis: Vozes, 2013c, edição digital.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos experimentais – O.C. 2**. Petrópolis: Vozes, 1995, edição digital.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente – O.C. 7/2**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo – O.C. 9/1**. Petrópolis: Vozes, 2014c, edição digital.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação – O.C. 5**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KIMBLES, Samuel. Cultural complexes and the transmission of group traumas in everyday life. **Psychology Perspectives**, v. 49, n. 1, p. 96-110, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00332920600733040>. Acesso em: 12 mai. 2024.

LIMA, Nathalia Diorgenes Ferreira. Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro. **Revista Katálýsis**, v. 25, p. 242-251, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84646>. Acesso em: 16 abr. 2024.

LIMA, Paulo Henrique Nogueira; RADES, Thais Cristina. O quarto de Jack: tecendo símbolos da relação primal à luz da teoria de Erich Neumann. **Junguiana**, v. 35, n. 2, p. 37-46, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v35n2/05.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MACHIN, Rosana; MOTA, André. Entre o particular e o geral: a constituição de uma “loucura negra” no Hospício de Juquery em São Paulo, Brasil 1898-1920. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180314, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180314>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MENDES, Karina, SILVEIRA, Renata, GALVÃO Cristina. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidência na saúde e na enfermagem. **Revista Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4):

MINAYO, Maria Cecília Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MOTA, Bruno Correia da. **Na teia do racismo: trauma coletivo e complexo cultural...**

marcas do Brasil negro! 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/5684>. Acesso em: 17 ago. 2024.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 8. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PARISE, Carmen Livia G.; SCANDIUCCI, Guilherme. Do pacto narcísico da branquitude à corresponsabilidade: um olhar para o complexo cultural racial. **Junguiana**, v. 40, n. 3, p. 39-52, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v40n3/03.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 228 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

PIMENTEL, Aline Gomes da Silva; HAUCK FILHO, Nelson. Opressão racial internalizada: um estudo com negros brasileiros. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 03-26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n1p03>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Racial relations in Brazil and the construction of the identity of the black person. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 2, p. 257-266, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**, n. 10, p. 163-182, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.29392>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SANTOS, Fernanda Barros dos; SILVA, Sergio Luiz Baptista da. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra Durante a pandemia da covid-19. **Revista Direito e Práxis**, v. 13, p. 1847-1873, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/68967>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SINGER, Tom; KIMBLES, Samuel. L. **The cultural complex: contemporary jungian perspectives on psyche and society**. New York: Routledge, 2004.

SOUSA, Letícia Teles de; SOUZA, Mériti de. Tramas de racismo y violencia en la infancia brasileña: la obra de arte "Amnesia". **Tempo Psicanalítico**, v. 54, n. 2, p.

130-160, 2022. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v54n2/v54n2a08.pdf>. em: 8 abr. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

STEIN, Murray (Org.). **Psicanálise Junguiana** – Trabalhando no espírito de C.G. Jung. Petrópolis: Vozes, 2019.

TANCETTI, Barbara; ESTEVES, Jéssica Harumi. O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial. **Junguiana**, v. 38, n. 2, p. 49-62, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v38n2/04.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.

TEIXEIRA, Adrielle de Matos Borges; JACINTO, Pablo Mateus dos Santos; DAZZANI, Maria Virgínia Machado (Orgs.). **O futuro é meu enquanto eu viver**: desafios da psicologia em contextos educacionais. Salvador: EDUFBA, 2022, 286 p., edição digital. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786556305189>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TEIXEIRA, Erick Giovanni Sobral; MEDEIROS, Clarice. Ideal de branquitude: uma leitura psicanalítica sobre o racismo. **Trieb Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro**, v. 20, n. 2, p. 71-88, 2021. Disponível em: https://www.sbprj.org.br/_files/ugd/45e118_c0b10275f96940f482193dfafbbe902b.pdf#page=73. Acesso em: 12 mar. 2024.

TYLOR, Edward Burnett. **A ciência da cultura**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002, edição digital. (Publicado originalmente pela Editora Maatschappij Voor Goede, 1914).

WEBER, Max. A distribuição do poder dentro da comunidade: Classes, estamentos e partidos. In: _____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva, v. 2. Brasília/São Paulo: Editora UnB/Imprensa Oficial, 2004.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo**: Conceitos Básicos da Psicologia Analítica. São Paulo: Cultrix. 2009.

ZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 10/11, p. 193-215, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3GDcqJb>. Acesso em: 1 jun. 2024.

APÊNDICE A: COMUNICADO DE PESQUISA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Núcleo de Estudos Junguianos

COMUNICADO DE PESQUISA

Sou **Ygor Santini Sellmer**, psicólogo e estou desenvolvendo uma pesquisa de Mestrado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, com o título:

“O processo de construção da consciência da negritude pelo homem negro na vida urbana”

cujo objetivo principal será, **compreender o processo de conscientização da própria negritude em homens negros de classe média na cidade de São Paulo**. Convido as pessoas que estejam interessadas em contribuir com esta pesquisa a participarem de uma entrevista. Esta entrevista será realizada de forma online, por meio da plataforma Google Meet garantindo o sigilo dos temas abordados. Todas as considerações éticas para a presente pesquisa científica estarão garantidas; como o acesso às informações sobre o procedimento, esclarecimento de dúvidas e a liberdade para deixar de participar do estudo a qualquer momento.

Nome: Ygor Santini Sellmer – CRP 06/111613

E-mail: ygorsellmer@gmail.com

Telefone e WhatsApp: (11) 9 9549-0951

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o processo de construção da consciência da negritude pelo homem negro, convidamos você a participar da pesquisa intitulada “**O processo de construção da consciência da negritude pelo homem negro na vida urbana**”. Esta investigação será conduzida pelo psicólogo e mestrando **Ygor Santini Sellmer**, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A pesquisa consiste em uma entrevista individual com duração aproximada de uma hora, durante a qual serão explorados, primeiramente, os aspectos relacionados à conscientização da própria negritude. Em um segundo momento, serão abordadas as experiências de ser um homem negro de classe média na cidade de São Paulo.

Ressaltamos que sua participação é **anônima** e **voluntária**. Você poderá interrompê-la a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo ou consequência. Sua colaboração é essencial para contribuir com o avanço da compreensão acerca da construção da consciência da negritude e das vivências de homens negros de classe média no contexto urbano de São Paulo.

Fica esclarecido, nos termos das **Resoluções CNS/MS nº 510/2016 e nº 466/2012**:

- **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas nesta pesquisa serão estritamente confidenciais, e serão divulgados apenas resultados gerais e não resultados individuais, mantendo a privacidade dos participantes.
- **Pagamento:** A instituição ou qualquer participante não terá despesa alguma ao participar desta pesquisa e não haverá retorno financeiro por sua adesão.
- **Participação:** A participação é de caráter voluntário, não obrigatório e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo para a instituição ou participante.
- **Risco:** Se houver algum incômodo ou desconforto emocional no decorrer da pesquisa, o pesquisador coloca-se à disposição para oferecer informações,

orientações e encaminhamento psicológico. A pesquisa é considerada de risco baixo.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-SP, órgão responsável por revisar, fiscalizar e assegurar que a presente pesquisa está em conformidade com os parâmetros éticos necessários. Caso tenha dúvidas, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP através do endereço e contatos a seguir: **Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo, SP – CEP 05015-001 – Edifício Reitor Bandeira de Mello, andar térreo, sala 63-C – Tel.: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br.**

Declaro que entendi o objetivo e o procedimento da pesquisa, concordando voluntariamente em participar dela.

Nome do participante

Assinatura

Data: ____ / ____ / ____

Ygor Santini Sellmer

Psicólogo pesquisador responsável

Orientador: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Instituição: PUC-SP tel. (11) 3670-8521

Telefone/Whats: (11) 9 9549-0951

Email: [ygorsellmer@gmail.com](mailto:ygor Sellmer@gmail.com)

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1) Nome:

R: _____

2) Idade:

R: _____

3) Qual seu estado civil?

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Divorciado

☐ Viúvo

☐ Separado

☐ União estável

☐ Outros: _____

4) Como você se autodeclara quanto a cor/raça/etnia?

☐ Branco

☐ Preto

☐ Pardo

☐ Outros: _____

5) Como você se autodeclara em relação à sua identidade de gênero?

☐ Homem cisgênero

☐ Homem transgênero

☐ Não-binário

☐ Outros: _____

6) Qual sua Escolaridade?

☐ Não frequentou a escola

☐ Fundamental Incompleto

☐ Fundamental completo

☐ Ensino Médio incompleto

- ☐ Ensino Médio completa
- ☐ Graduação completa
- ☐ Graduação incompleto
- ☐ Pós-graduação (Especialização) incompleto
- ☐ Pós-graduação (Especialização) completa
- ☐ Mestrado incompleto
- ☐ Mestrado completa
- ☐ Doutorado incompleto
- ☐ Doutorado completa
- ☐ Pós-doutorado incompleto
- ☐ Pós-doutorado completa
- ☐ Outros: _____

7) Qual sua renda?

- ☐ 3 a 5 salários mínimos
- ☐ 6 a 8 salários mínimos
- ☐ 9 salários mínimos ou mais

8) Qual a sua profissão?

R: _____

APÊNDICE D: PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA REFLEXIVA

1. Como seus pais ou responsáveis se autodeclararam quanto à cor/raça/etnia? Caso um dos membros se defina como branco, você se lembra se isso despertava curiosidade na sua infância?
2. Na infância, você se lembra de seus pais ou parentes utilizarem outros termos relacionados à sua raça?
3. Em algum momento, seja na infância ou adolescência, seus pais ou cuidadores te instruíram para tomar cuidado por causa da sua raça/cor/etnia?
4. Na infância, como você percebia as diferenças raciais entre você e seus amigos? Isso gerava alguma reflexão ou sentimento específico em você?
5. Você já percebeu diferenças no tratamento de professores ou funcionários escolares que estivesse relacionado à sua cor/raça? Se sim, como isso impactou você?
6. Teve algum tipo de tratamento durante a infância ou adolescência que hoje poderia ser associado ao racismo ou preconceito?
7. Em situações de lazer, trabalho ou cotidiano, você já sentiu que estava sendo tratado de forma diferente por causa da sua cor/raça?
8. Você já foi abordado na rua ou em blitz policial? Se sim, como você foi tratado?
9. Você já sofreu alguma situação de racismo? Se sim, você gostaria de compartilhar alguma experiência de racismo ou preconceito que você sofreu?
10. Como é para você frequentar determinados lugares onde percebe que as pessoas negras estão em minoria nesses ambientes?
11. Você se considera consciente da sua negritude? Quais foram as suas primeiras experiências ao reconhecer que era um homem negro?
12. O que representa para você ser um homem negro?